

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

ARTUR GIL SONEGO

**O PROCESSO DE INTERCÂMBIO DE ESTUDANTES BRASILEIROS PARA A
AUSTRÁLIA**

CAXIAS DO SUL

2021

ARTUR GIL SONEGO

**O PROCESSO DE INTERCÂMBIO DE ESTUDANTES BRASILEIROS PARA A
AUSTRÁLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Comércio Internacional pela
Universidade de Caxias do Sul - UCS de
Caxias do Sul/RS.

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Lazzari

CAXIAS DO SUL

2021

RESUMO

Por proporcionar diversos benefícios de caráter profissional e de desenvolvimento pessoal, a experiência de realizar um intercâmbio tem se tornado cada vez mais comum entre os estudantes brasileiros. Dentre os destinos mais procurados destaca-se a Austrália. Nesse sentido, esse trabalho foi desenvolvido com o intuito analisar as principais características que envolvem o processo de intercâmbio de estudantes brasileiros para a Austrália. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, por meio de entrevistas individuais em profundidade. Os resultados mostraram que fatores como o aperfeiçoamento da língua inglesa e a busca por um crescimento pessoal foram alguns dos principais motivadores para a realização do intercâmbio. Também pôde-se identificar que, pelo fato de a Austrália apresentar um clima quente e permitir que o intercambista realize atividades de estudo e trabalho, o país se tornou um destino popular entre os intercambistas brasileiros. Apesar dos estudantes enfrentarem algumas dificuldades relacionadas ao idioma e à distância de familiares e amigos, os benefícios adquiridos por estarem morando um novo país, como o aperfeiçoamento do idioma estrangeiro e a maturidade desenvolvida, se sobressaem aos desafios.

Palavras-chave: Intercâmbio. Austrália. Motivadores. Dificuldades. Benefícios.

ABSTRACT

For providing several benefits of a professional nature and personal development, the experience of conducting an international exchange has become increasingly common among Brazilian students. Among the most popular destinations, Australia stands out. In this sense, this study was developed in order to analyze the main characteristics involved in the exchange process of Brazilian students to Australia. For this, a qualitative, exploratory research was carried out through in-depth individual interviews. The results showed that factors such as improving the English language and the search for personal growth were some of the main motivators for the exchange. It was also possible to identify that, due to the fact that Australia has a hot weather and allows exchange students to carry out study and work activities, the country has become a popular destination among Brazilian exchange students. Although students face some difficulties related to language and distance from family and friends, the benefits acquired by living in a new country, such as foreign language improvement and developed maturity, stand out from the challenges.

Keywords: Exchange. Australia. Motivators. Difficulties. Benefits.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Curva W do choque cultural.....	21
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Perfil dos entrevistados	30
Quadro 2 – Características do intercâmbio	31
Quadro 3 – Resumo dos resultados.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.2 OBJETIVOS DO TRABALHO.....	11
1.2.1 Objetivo geral	11
1.2.2 Objetivos específicos	11
1.3 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 INTERCÂMBIO: CONCEITOS GERAIS.....	13
2.2 MODALIDADES DE INTERCÂMBIO	14
2.3 PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO INTERCÂMBIO	17
2.3.1 Dificuldades financeiras	18
2.3.2 Barreiras linguísticas e de aprendizagem	18
2.3.3 Solidão e estresse	19
2.3.4 Choque e adaptação cultural	20
2.4 PRINCIPAIS BENEFÍCIOS DO INTERCÂMBIO	22
2.4.1 Desenvolvimento do idioma estrangeiro	23
2.4.2 Aceitação da diversidade cultural	24
2.4.3 Facilidade de adaptação	25
2.4.4 Aperfeiçoamento do currículo	26
3 MÉTODO	27
3.1 PROCEDIMENTO DE COLETA.....	27
3.2 SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS	28
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA.....	28
3.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE	29
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	30
4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS	30
4.2 MOTIVAÇÕES PARA O INTERCÂMBIO	32
4.3 MOTIVOS DA ESCOLHA DA AUSTRÁLIA COMO DESTINO	34
4.4 DIFICULDADES ENFRENTADAS	36
4.5 BENEFÍCIOS PERCEBIDOS	39
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48

REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES SEMI-ESTRUTURADO.....	58

1 INTRODUÇÃO

Conforme Raikhan et al. (2014), a globalização é caracterizada pelo processo de aceleração da integração entre os países, contribuindo para uma expansão cultural entre os povos ao redor do mundo. Segundo Castro e Cabral Neto (2012), o processo de mudança socioeconômico, cultural e das tecnologias nos últimos anos criou novas necessidades de formação para todos aqueles que necessitam, cada vez mais, de níveis elevados de educação para atuar no mundo globalizado, sem fronteiras e centrado no conhecimento.

Dessa forma, de acordo com Carvalho et al. (2016), a internacionalização amplia a oportunidade de um futuro promissor, tanto no meio acadêmico, quanto no mercado de trabalho fazendo com que os estudantes, cada vez mais, participem desses processos. Ainda segundo os autores, os estudantes procuram por meio de intercâmbios o desenvolvimento de um novo idioma, a autonomia e também demonstram expectativas quanto à formação profissional. Além disso, este tipo de experiência promove grande valorização pessoal, pois proporciona aos estudantes uma visão ampliada de futuro.

Assim, o presente estudo propõe identificar as características do processo de intercâmbio de estudantes brasileiros para a Austrália. Para tanto, estará estruturado em seis capítulos. Ainda neste capítulo, será apresentada a delimitação do estudo, os seus objetivos gerais e específicos, bem como a justificativa da relevância da pesquisa. No segundo, as bases teóricas que sustentarão o estudo. No terceiro capítulo, será apresentado o método que conduzirá a pesquisa, de forma que busque atingir os objetivos propostos. O quarto, contemplará os resultados do estudo em questão e no quinto a far-se-á uma discussão sobre os mesmos. O último capítulo, apresentará as considerações finais do estudo, suas implicações práticas, limitações e sugestões de estudos futuros.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

Com base em Bochner (2001), o contato cultural entre as pessoas é uma das coisas mais antigas que se tem registro. O ser humano foi criado em meio a uma cultura que, sempre teve como costume visitar outras sociedades para negociar, estudar, ou até mesmo exercer influência em outros locais. De acordo com Kroeff e

Gastal (2004, p.6), “os intercâmbios culturais iniciaram após a I Guerra Mundial, com objetivo de fomentar o entendimento e a reconciliação dos países e culturas recém-saídos do conflito”. Atualmente, o intercâmbio está presente em praticamente todos os países do mundo, independentemente de características geográficas ou climáticas específicas, englobando o relacionamento entre diversos povos.

Baseado em Nedelcu e Ulrich (2014), ao optar pela mudança para outro país e sair de sua zona de conforto, o intercambista, além de ter uma oportunidade significativa, também encara um novo desafio a ser enfrentado. A mudança instantânea desafia o estudante para uma nova experiência, fazendo com o que nunca foi vivido se transforme em rotina durante o período da viagem.

Para Sebben (2007, p.34), “a ideia central dos intercâmbios não poderia ser puramente de estudos, mas, mais do que isso, de mudança de si mesmo”. É sabido que, durante o período do intercâmbio, convivendo com diferentes culturas e pessoas, o estudante além de adquirir conhecimentos intelectuais, também passa por uma mudança interior.

Conforme Hunley (2009), a experiência em um outro país gera muitos benefícios aos estudantes, desde uma maior proficiência em um outro idioma, até mesmo gerando um maior interesse em assuntos internacionais e reforçando a capacidade de adaptação e de crescimento pessoal.

De acordo com a Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio (BELTA, 2020), a quantidade de brasileiros fazendo intercâmbio triplicou em uma década, indo de 85 mil, em 2007, para mais de 246 mil em 2017. O estudo mostrou também que, em 2019, o setor de intercâmbios movimentou 1,3 bilhões de dólares americanos e cresceu 5,86% em relação à 2018. Foram 386.000 viajantes brasileiros, apesar da situação política e econômica do país.

A pesquisa aponta também quais foram os principais destinos dos estudantes brasileiros no ano passado, mostrando que a Austrália é o 5º país mais procurado. Essa posição muito se deve ao fato da conversão cambial vantajosa, ao clima mais agradável e parecido com o que encontramos no Brasil, à permissão de trabalho legal, hospitalidade do povo e à qualidade de vida no país. Assim, surge o seguinte problema de pesquisa: “Quais são as características do processo de intercâmbio de estudantes brasileiros para a Austrália?”

1.2 OBJETIVOS DO TRABALHO

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é analisar o processo de intercâmbio de estudantes brasileiros para a Austrália.

1.2.2 Objetivos específicos

Visando atender o objetivo geral, esta pesquisa será guiada pelos seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar as motivações para a realização do intercâmbio;
- b) Identificar os motivos da escolha da Austrália como país para o intercâmbio;
- c) Analisar as dificuldades encontradas pelos estudantes durante o processo;
- d) Identificar os benefícios percebidos pelos intercambistas após a experiência.

1.3 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Segundo Quevedo (2007), o processo de globalização é diretamente afetado pelo turismo, já que um dos seus segmentos mais destacados que, inclusive, pode ser uma ferramenta de desenvolvimento pessoal e profissional, é o intercâmbio. Sousa (2011) afirma que, por conta das constantes inovações causadas por esse desenvolvimento, pelo avanço das novas tecnologias e pelo o crescimento da economia no Brasil, o mercado de trabalho brasileiro está cada vez mais exigente. Dessa forma, os profissionais precisam acompanhar essas mudanças, estando cada vez mais atualizados.

Habilidades de adaptação a novos ambientes, relacionamento interpessoal, facilidade de comunicação, capacidade de lidar com adversidades, aprendizado em equipe, flexibilidade na maneira de pensar e agir, entre outros fatores, são extremamente valorizadas nesse novo mercado. A autora ainda comenta que as experiências com variadas formas de turismo tornam-se essenciais para a

qualificação do profissional, principalmente frente ao competitivo mercado mundial. Este tipo de atividade contribui para uma maior sensibilidade étnica e cultural, além de maior consciência e visão global para os estudantes.

Referindo-se mais diretamente ao âmbito cultural, Gastal (2004) define que essa modalidade se trata de uma imersão que, além de trabalhar com todos os sentidos do estudante, o leva para sair de seu país de origem, para, em outro destino, aprender sobre os costumes, cultura, hábitos e idioma, dentre tantas outras oportunidades de aprendizado.

Diante dessas exigências apresentadas ao profissional da atualidade, os estudos sobre o modo que o intercâmbio beneficia os estudantes vem se mostrando relevantes. Desta forma, o presente trabalho poderá servir como instrumento de pesquisa para estudantes que pretendem vivenciar a experiência de estudar fora do seu país de origem.

Assim, identificando-se as principais situações que poderão ser encontradas durante esse período, o processo pode ser facilitado e o choque de vivenciar uma cultura diferente em um lugar desconhecido também seja mais suave. Além disso, pode servir de auxílio para que o indivíduo tenha, ao menos, conhecimento das dificuldades que ele poderá enfrentar e dos benefícios que poderão ser agregados através dessa experiência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico será composto por 4 principais temas que estão diretamente relacionados ao processo de intercâmbio para estudantes brasileiros para a Austrália, sendo eles: os conceitos gerais do intercâmbio, as modalidades desse tipo de atividade, as dificuldades encontradas pelos estudantes e os benefícios dessa experiência.

2.1 INTERCÂMBIO: CONCEITOS GERAIS

Intercâmbio significa “Troca, permuta. Relações de comércio ou culturais entre nações” (FERREIRA, 1999, p.123). Em outras palavras, refere-se a uma atividade em que indivíduos de diversas nacionalidades se relacionam. Sua tipologia “cultural” se volta à reciprocidade de costumes e tradições resultante da convivência entre pessoas de diferenciados países e culturas.

Já o Ministério do Turismo (BRASIL, 2008) define a modalidade de Intercâmbio como uma atividade turística gerada por operações e programas de conhecimento e experiências, com intuito de qualificar e ampliar o aprendizado e de desenvolver o estudante no âmbito profissional e pessoal. O Ministério ainda afirma que o Intercâmbio é um segmento abrangente, que compreende várias atividades relacionadas. Seu progresso se mostrou mais perceptível a partir da Revolução Industrial na Europa, quando começou a ser essencial ter uma visão de mundo mais ampla para conseguir conduzir de uma melhor forma a evolução científica da época. Nos dias de hoje, esse tipo de viagem com o objetivo de estudos e intercâmbio ocorre em quase todos os países, especialmente por ser realizada independentemente de características geográficas e climáticas específicas, podendo ser realizada em qualquer época do ano.

Tamião (2010) explica que, a partir do início do século XXI, a vontade pelo intercâmbio se tornou um fenômeno em ascensão por todo o mundo, pois a troca de princípios e de experiências adquiridos abrange características importantes para o crescimento profissional, agregando também para os aspectos culturais. Nessa mesma linha de raciocínio, Panosso Netto e Gaeta (2010) complementam que, em virtude de o acesso às informações estar mais fácil e com a evolução dos meios de transporte, as experiências internacionais se tornaram mais tangíveis para um

número maior de pessoas.

O Intercâmbio, da mesma forma que outros segmentos turísticos, mobiliza diversos setores da economia, gerando renda e emprego. Ademais, também acaba sendo uma alternativa para a época de baixa temporada nos países, movimentando empresas durante esses períodos.

2.2 MODALIDADES DE INTERCÂMBIO

Com base nos estudos de Victor (2009), pode-se definir como os principais programas, que estruturam a vasta gama de opções de intercâmbio, as seguintes modalidades:

- a) *Au Pair*: Este é um programa mais específico, destinado preferencialmente às mulheres que comprovem experiência prévia com crianças, que tenham concluído o ensino e que possuam carteira de motorista. Essa modalidade de intercâmbio possibilita que o estudante realize um curso (podendo ser desde idioma, profissionalizante, especialização, MBA, graduação ou até mesmo pós-graduação) conciliando com tarefas domésticas, já que ele ganha estadia em uma casa de família e normalmente precisa cuidar das crianças dessa acomodação. Pode tirar duas semanas de férias remuneradas, um dia de folga por semana e, além disso, o intercambista ainda pode receber uma ajuda de custo ou um salário. Dependendo de como for o custo de vida do destino, também pode ter acesso a bolsas de estudos;
- b) Idioma: Esse tipo de intercâmbio tem como objetivo o estudo de línguas, sem restrições de nível do idioma, condições financeiras, idade e duração. As aulas são focadas nas competências linguísticas, especialmente na fala e comunicação, aonde o aluno desenvolve as habilidades gerais da língua. Quanto à duração, o intercambista tem opções desde 1 semana de curso, até um ano. Já a carga horária semanal, varia entre 15 a 35 horas, podendo ser individual ou em grupo e em diversos turnos (manhã, tarde, noite ou integral);
- c) Idioma com interesses específicos: Tem como pré-requisito um conhecimento intermediário da língua antes de começar o programa. Isso porque, essa é uma modalidade aonde se complementa o que é

aprendido no curso de idioma com cursos de cultura e artes, por exemplo. Além disso, o estudante também pode optar por escolher alguma opção de curso com foco na sua área profissional, como Jornalismo, Direito ou Marketing;

- d) Idioma com esporte: É uma modalidade que combina o curso de línguas com outras atividades esportivas, como por exemplo: tênis, surfe, mergulho, fitness, golfe, esqui, entre outros. O intercambista pode definir a duração do curso e as aulas englobam todos os níveis de conhecimento da língua, do iniciante ao avançado;
- e) Idioma para executivos: É indicado apenas para profissionais e tem duração aproximada de duas semanas. O curso é focado em aulas individuais do idioma, com vocabulário exclusivo da área de atuação profissional do estudante;
- f) Idioma para negócios: Nesse formato de intercâmbio, é abordada a linguagem de negócios com termos característicos, leitura e debate sobre artigos, palestras, entrevistas, trabalho de técnicas de negociação, análise de casos e discursos. É um curso com duração de aproximadamente três semanas, indicado para profissionais e estudantes que precisam melhorar a fluência no idioma para a carreira;
- g) Treinamento para professores: Ocorre no período de férias escolares e tem duração média de duas a quatro semanas. É uma modalidade em que professores de língua estrangeira no Brasil estudam a didática para lecionar a língua em questão;
- h) Preparatório para exames: É um programa que requer do estudante um nível avançado do idioma. Tem duração aproximada de 12 semanas e as aulas podem acontecer em período integral. É destinado para quem precisa fazer exames de proficiência linguística, como por exemplo o Diploma Aprofundado de Língua Francesa (DALF), o Diploma de Español como Lengua Extranjera (DELE), o Test of English as a Foreign Language (TOEFL), dentre outros tipos de exames;
- i) Programa de férias: Conhecido também como “summer camp”, é um programa que concilia atividades esportivas, culturais e sociais com o curso de línguas. Exige uma disciplina mais rigorosa e alunos menores de 18 anos não tem permissão para sair da escola sem autorização. A

faixa etária dos intercambistas é entre oito e 18 anos;

- j) Estágio para estudantes: Voltado para jovens a partir de 18 anos e, no máximo, 30 anos. Essa é a modalidade que apresenta a melhor experiência de técnicas de trabalho em determinadas áreas. Os estágios podem ser remunerados ou não, e os estudantes universitários são recrutados para atuar em sua área específica de atuação. Os salários e as bolsas-auxílio podem variar dependendo do custo de vida do destino escolhido. Tem vagas para estágio nas mais diversas áreas de atuação profissional. Com relação ao emprego no exterior, costumam ser trabalhos remunerados temporários, como por exemplo em estações de esqui, resorts, parques temáticos, hotéis e navios de cruzeiro, exercendo diversos tipos de atividades;
- k) *High School*: Essa é a modalidade de intercâmbio mais comum em que o aluno, com faixa etária entre 15 e 18 anos, cursa um semestre ou um ano letivo do ensino médio em outro país. A acomodação é na própria escola ou em uma casa de família. Como, geralmente, o nível de fluência da língua exigido é o intermediário, aplica-se um teste de nivelamento antes da viagem para realizar essa verificação;
- l) Graduação, Pós-graduação, Especialização e Doutorado: Nesse tipo de intercâmbio, além do estudante precisar apresentar um nível intermediário do idioma (no mínimo), ele também precisa ter boas notas no seu histórico escolar. São cursos superiores realizados integralmente, ou em parte, no exterior, aonde a duração varia conforme o nível acadêmico: o de graduação entre dois a quatro anos; o de pós-graduação, entre um a quatro anos; e o de especialização, entre dois meses a dois anos;
- m) Extensão Universitária: É um intercâmbio para quem almeja realizar um aprimoramento na sua área de atuação. O período deste programa varia entre seis meses a dois anos e o estudante precisa atingir uma nota mínima em exames de proficiência do idioma;
- n) Profissionalizantes: É uma modalidade parecida com os cursos técnicos encontrados no Brasil, com o objetivo de adquirir conhecimento prático em determinadas áreas. A duração desse intercâmbio varia de um mês a dois anos, com foco em estudantes a partir de 18 anos com o ensino

médio completo;

- o) *Work and Study*: É uma opção na qual o estudante concilia o curso de idioma com o trabalho. A permissão de trabalho normalmente é limitada a 20 horas semanais e não pode ultrapassar a carga horária de estudos. Ter a permissão de trabalho nesse tipo de intercâmbio é fundamental para que o estudante consiga se manter no destino durante o período do programa, além de ajudar no desenvolvimento pessoal e da língua.

Independentemente da modalidade de intercâmbio escolhida, todos os estudantes passam por um processo de adaptação. Este desenvolvimento de integração acontece desde a chegada ao novo destino, aonde o intercambista passa por um processo de inserção local, até quando retorna ao seu país de origem. Sendo assim, nos próximos capítulos serão abordadas as principais dificuldades encontradas durante o intercâmbio, assim como, os principais benefícios proporcionados aos intercambistas.

2.3 PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO INTERCÂMBIO

De acordo com Earley e Ang (2003), inserir-se em outra cultura é uma tarefa difícil e desafiadora. Isso requer um grau de ajuste e adaptação que não é encontrado em qualquer outro tipo de interação social, pois muitas das regras que se aprendem em uma cultura, podem não ser úteis em uma nova cultura. Na verdade, várias das lições aprendidas em uma cultura, muitas vezes, interferem no sucesso da adaptação em outra.

Segundo Chapman e Pyvis (2005), os problemas referentes ao estudante no exterior merecem verdadeira atenção, pois as instituições têm compromisso em proporcionar aos intercambistas uma educação de qualidade, que pode ser prejudicada se esses impasses forem negligenciados. De acordo com Soria e Tosi (2013), existem muitos desafios que os alunos poderão encontrar ao tomar a decisão de se envolver em uma experiência no exterior. Os principais serão explorados nas próximas seções.

2.3.1 Dificuldades financeiras

Uma das principais preocupações dos intercambistas, antes mesmo de partirem aos seus destinos, é a questão financeira. Sachau et al. (2009) ressaltam que um dos maiores obstáculos para que a viagem seja concretizada, por parte dos estudantes, é o valor de investimento. Alguns intercambistas até recebem certo apoio financeiro de instituições de ensino ou do governo, mas existem custos que devem ser arcados por eles antes mesmo do embarque.

Para Brown (2009), um dos motivos que acabam por desanimar os estudantes que pretendem participar de programas de ensino no exterior são os sacrifícios financeiros enfrentados. Doyle et al. (2009) confirmam que as barreiras mais comuns constatadas em pesquisas sobre os obstáculos para a realização de um intercâmbio são as dificuldades financeiras.

Tossavainen (2004) comenta que os recursos para viabilizar a viagem de intercâmbio precisam ser corretamente ponderados, para que o aluno possa, além de participar das principais atividades propiciadas pela instituição de ensino, realizar atividades de lazer como excursões, viagens, festas, entre outros.

Para Liu e Lien (2009), muitos estudantes são motivados a realizar um programa de estudo no exterior pelas oportunidades de uma aprendizagem melhorada, mas, muitas vezes, os alunos também visam esse programa para fins de consumo, o que pode acarretar a volta antecipada do estudante, devido ao fato de utilizar de forma incorreta os recursos financeiros destinados ao projeto.

2.3.2 Barreiras linguísticas e de aprendizagem

Segundo Bennett (1998), a primeira barreira que o estudante enfrenta ao chegar em outro país é a diferença linguística. As diversas formas de compreensão podem deixar o intercambista confuso sobre o que está sendo discutido. Andrade (2006) afirma que as instituições não podem receber estudantes estrangeiros e esperar que eles consigam se ambientar ao ensino e a vivência em um outro país sem que recebam um apoio adequado.

Na visão de Bennett (1998), as dificuldades de comunicação em um país diferente, surgem quando o indivíduo está desorientando e a habilidade de comunicar-se com os demais está embaralhada, fazendo com que o isolamento

social nesse novo ambiente seja ainda maior. De acordo com os estudos de Ramsay et al. (1999 apud ANDRADE 2006), em uma universidade da Austrália, foi constatado que interpretar o vocabulário na velocidade em que os professores conduziam as palestras foi a principal dificuldade enfrentada pelos alunos estrangeiros.

Para Andrade (2006), as instituições de ensino que recebem intercambistas precisam se atentar às principais adversidades que os mesmos enfrentam e oferecer serviços de suporte apropriados, visando assim, uma melhora na adaptação e no desempenho acadêmico do aluno. Ainda de acordo com a autora, os principais elementos que influenciam nessa adaptação dos estudantes são a proficiência no idioma e a cultura local.

Stephan (1985), seguindo a mesma linha de pensamento, afirma que interagindo com diferentes culturas, os alunos podem se sentir ansiosos e estranhos, devido a barreiras de comunicação. Karin (2011) complementa que, ao tentarem se comunicar com falantes não-nativos de um idioma, os membros de um grupo etnolinguístico dominante podem se sentir impacientes e frustrados.

De acordo com Koskinen e Tossavainen (2004), alguns intercambistas dizem que as barreiras referentes à língua nativa podem causar isolamento e solidão. Os autores complementam que a dificuldade linguística é descrita como um obstáculo para a interação e pode atrapalhar o relacionamento dos intercambistas em atividades de imersão, como reuniões de equipe e seminários.

2.3.3 Solidão e estresse

A saudade da família e amigos, atrelada à solidão, também pode causar certo impacto durante a experiência do intercâmbio. Segundo Koskinen e Tossavainen (2004), alguns intercambistas descreveram que, ao se afastarem das suas famílias, os sentimentos de saudade foram expressados. Complementando, Ryan e Twibell (2000) constataram que esse afastamento dos familiares acaba gerando sentimentos de estresse e solidão, que podem ser supridos pelo apoio que os estudantes recebem de pessoas nativas do lugar aonde estão.

Hunley (2009) constatou que o aparecimento dos primeiros sintomas do estresse começa quando o intercambista se dá conta que a família e os amigos não estão por perto. O autor também salienta que é normal que os alunos que estudam

em outros países se sintam solitários. Por estarem localizados em um ambiente diferente do normal, os estudantes presumem que estão sozinhos e que podem confiar em apenas poucas pessoas. Para concluir, o autor diz que as consequências desse estresse podem se manifestar no sistema imunológico, além de poder causar depressão e ansiedade.

Segundo Sawir et al. (2008), os intercambistas podem vir a desenvolver a chamada solidão cultural, que é provocada pelo afastamento do seu idioma nativo e seu ambiente cultural de origem, ou também, a chamada solidão pessoal, que é estimulada pela perda de contato com a família. Foster (2013) constata que, mesmo com o crescimento dos meios de comunicação e da internet, a saudade de casa, da família e dos amigos ainda é um grande obstáculo para os estudantes que desejam passar por essa experiência no exterior.

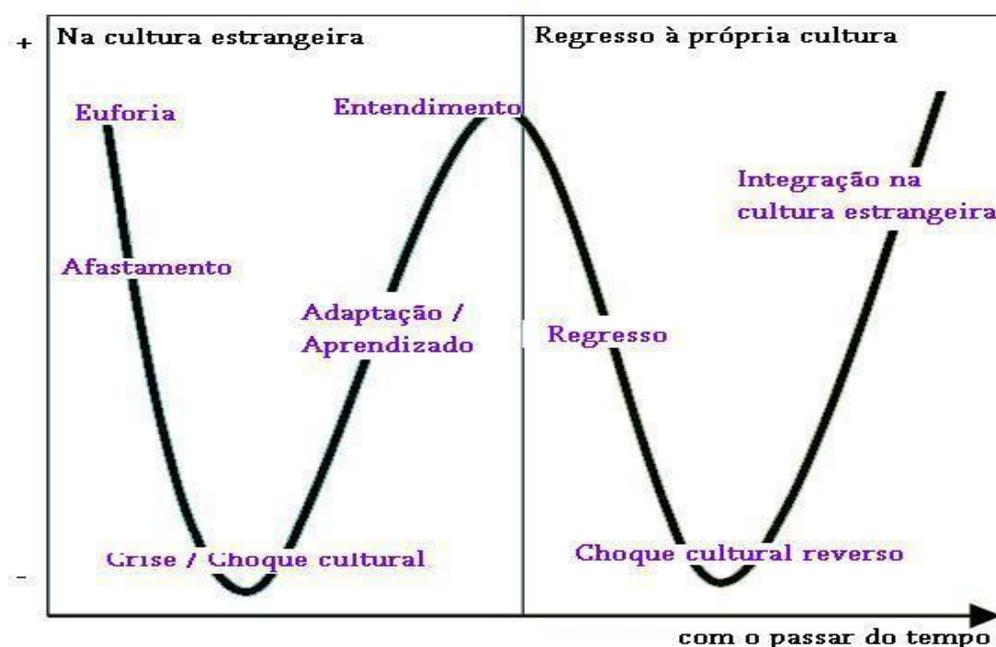
2.3.4 Choque e adaptação cultural

De acordo com Bennett (1998), o processo de adaptação ocorre quando o indivíduo amplia a sua visão de mundo, para que consiga se adaptar aos hábitos e costumes da nova cultura em que está se introduzindo. Canuto (2014) complementa que o sucesso dessa integração e adaptação depende de ambas as partes e, para isso, é preciso aceitar as diferenças, se ambientar para fazer novos amigos e aceitar as diversas formas de viver e aprender.

Rogers e Steinfatt (1999) comentam que, ao se inserir em uma nova cultura, o estudante pode enxergar o choque cultural como uma experiência traumática. Trata-se de um desconforto emocional e físico, que o intercambista enfrenta ao mudar-se para outro país, diferente de seu local de origem. Os comportamentos e valores que, anteriormente eram considerados normais, passam a ser vistos como estranhos aos demais habitantes desse novo lugar.

Os períodos vivenciados durante o choque cultural, passados pelos intercambistas no exterior, podem ser reproduzidos por meio de um exemplo chamado Curva W (Figura 1):

Figura 1: Curva W do choque cultural



Fonte: Baseado em Pinheiro (2004).

Os estágios iniciais, euforia e afastamento, fazem parte do primeiro contato com o país estrangeiro e com a nova cultura. O intercambista se mostra curioso e excitado com todas as novidades apresentadas. Nesse início, ainda existe uma conexão com a cultura do país de origem, recentemente deixada para trás. O sentimento de estranheza e isolamento começa a ser manifestado durante essa inserção, e a distância da família faz com que ele não tenha o apoio necessário para encarar esse momento.

Sebben (2001) descreve como normal encontrar surpresas e assombros ao chegar no país de destino. Pelo fato de o indivíduo ainda estar inserido na cultura de seu país de origem, é natural que no início ele se sinta estranho. Segundo Weaver (1994), não é possível um encontro entre culturas ou entre povos distintos, sem que esteja presente uma inerente rede de tensões e forças, provindas de diversas visões de mundo. Para Simmel (1950), é muito difícil que o estrangeiro seja completamente aceito pelos demais membros do sistema, não importando o período em que ele conviver na comunidade, ele sempre será visto como um estranho.

Esse tipo de situação desestabiliza e desorienta o estrangeiro, pois faz com que ele perca as suas referências, que lhe passavam segurança. Lunn (2008) diz

que isso acaba gerando um choque cultural, que é percebido de maneira peculiar, pois alguns estudantes passam por grandes problemas de adaptação e sentem saudades de casa, enquanto outros passam todo o período como se estivessem numa festa sem fim, sem se afetar com a diferenciação cultural.

Para Sebben (2001), os primeiros dias no novo país podem ser mais tranquilos para algumas pessoas, dependendo das circunstâncias. Já para outros, podem ser mais difíceis, pois se sentirão espantados com tantas mudanças. Logo na chegada, as expectativas que o intercambista possuía antes da viagem se afrontam com a realidade encontrada, podendo causar complicações de adaptação.

Os estágios seguintes, de crise e choque cultural, são aonde as divergências culturais começam a impactar de forma mais forte, gerando desconforto, incertezas e podendo ocasionar alguns desentendimentos e crises diárias. Já a próxima etapa, é caracterizada pela obtenção de certo entendimento sobre a outra cultura. Aos poucos, o intercambista vai conquistando maior conhecimento sobre o novo ambiente em que está se inserindo, e consegue comparar os novos comportamentos, com seus antigos costumes.

A etapa do entendimento é a parte em que as divergências e as semelhanças com a cultura do país em que realiza intercâmbio passam a ser observadas e aceitas com maior normalidade. Gradualmente, as diferenças culturais são contornadas, fazendo com que o estudante comece a se sentir mais acolhido. Nessa fase, há uma confiança e segurança maior para lidar com as situações adversas.

O último período, do regresso e do choque cultural reverso, é o momento em que o intercambista retorna ao seu país de origem e reencontra a sua própria cultura. Na experiência vivida durante esse tempo fora, o estudante adquiriu confiança e respeito pelas diferenças apresentadas pela nova cultura encontrada, retornando interculturalmente transformado.

2.4 PRINCIPAIS BENEFÍCIOS DO INTERCÂMBIO

O choque cultural que um intercambista está sujeito ao introduzir-se em uma nova cultura pode ser visto de forma otimista por alguns estudantes. Embora, na grande maioria das vezes, essa adaptação seja uma experiência um pouco conturbada, ela traz consigo alguns benefícios. Kim (2009) afirma que o choque

cultural é muitas vezes positivo para indivíduo, servindo como uma experiência de aprendizagem, levando a um maior entendimento intercultural. Para complementar, Adler (1975) diz que o choque cultural serve como uma experiência de transição, que leva um indivíduo a ganhar novo conhecimento experimental, vindo a compreender as raízes de seu próprio etnocentrismo e ganhando novas perspectivas sobre a natureza da cultura.

Além disso, Kim (1997) constata que a criação do estudo no exterior trouxe consigo o desenvolvimento econômico, se tornando de extrema importância para a sociedade internacional. Dessa forma, nesta parte do trabalho, serão abordados os principais benefícios que poderão ser adquiridos pelos estudantes ao realizarem um intercâmbio, através de referências que abordem o assunto.

2.4.1 Desenvolvimento do idioma estrangeiro

Aprender novas línguas se tornou um fator fundamental quando se fala em mobilidade social e multicultural, sendo considerada uma das principais tendências do processo de globalização cultural. Desenvolver um segundo idioma, especialmente o inglês, é importante para quem pretende se relacionar com pessoas de outras nacionalidades. Peterson (2004) salienta que a mínima vontade em desenvolver a língua nativa das pessoas com quem se está relacionando, demonstra dedicação e gera empatia diante o mesmo. Por outro lado, quando existe um descaso amplamente evidenciado, o indivíduo pode se sentir ofendido, prejudicando a relação entre eles.

Segundo Martin e Nakayama (2013), o idioma tem uma função significativa no desenvolvimento da comunicação intercultural. Ao mesmo tempo, ele pode ser considerado como uma dificuldade na relação entre pessoas de países e culturas diferentes. Ainda segundo os autores, os indivíduos que dominam somente o próprio idioma, tendem a ser menos globais e mais retrógrados.

Com base em Martin e Daiute (2013), o domínio de uma segunda língua não se trata somente de uma forma de comunicação, mas sim, de uma condição para uma melhor participação no país estrangeiro. Carlson et al. (1990 apud KIM; GOLDSTEIN, 2005) citam que a diferenciação de pessoas que permanecem em seus países de origem dos que participam de programas de estudo no exterior é a vontade de ampliar suas habilidades em idiomas estrangeiros.

Na visão de Stallivieri (2009), entender sobre os hábitos e cultura das pessoas está diretamente ligado ao ambiente de aprendizagem do idioma. Isso porque todo o cenário cultural em que o indivíduo está envolvido faz com que seja uma experiência mais incentivadora para este estudante que está se adaptando para viver e estudar no exterior. A autora ainda complementa que a experiência de participar de programas de ensino de línguas estrangeiras, ou até mesmo de ensino comum, que possuem um comportamento intercultural, necessita a receptividade de costumes e valores de diversas culturas.

2.4.2 Aceitação da diversidade cultural

Na visão de Martin e Nakayama (2013), a diversidade cultural pode ampliar a ideia de que estilo de vidas distintos podem conviver em sintonia, fluindo num mesmo sentido. Ainda segundo os autores, uma relação intercultural, preservada de forma pessoalmente, pode favorecer as partes, para que as mesmas reconheçam e acolham as diversidades, consentindo que as próximas relações com outras pessoas ocorram de forma mais tranquila. Para concluir, eles declaram que, embora esse tema seja um pouco mais complicado de se tratar pessoalmente do que por meio de livros ou ensino em geral, o relacionamento intercultural proporciona uma influência mais intensa para quem o vivencia na prática.

Dessa forma, convivendo com outras culturas e podendo analisá-las em diversos aspectos, o intercambista também passa a refletir e a perceber melhor a sua própria identidade cultural, compreendendo-a a partir do convívio no destino. Durante a experiência internacional do intercâmbio, o estudante aprende a conviver com a diversidade cultural e a respeitar as diferenças a partir do momento em que reconhece a identidade cultural do país, ou seja, “a internacionalização promove o reconhecimento, o respeito pelas diferenças e pela identidade cultural” (GACEL, 2004 apud KAFLE, 2007, p. 13).

Clarke III et al. (2009) apontam que os programas de intercâmbio são recursos educacionais que podem induzir a aceitação de culturas distintas para quem os vivencia. Os autores vão além, confirmando que estudantes que viajam para outro país podem se deparar com uma diversidade cultural muitas vezes tão grande que acabam tendo que redefinir seus conceitos antes formados a respeito de outras culturas.

Conforme os estudos de Green (2008), a maioria dos intercambistas relata que um dos principais benefícios da experiência do intercâmbio é uma melhor compreensão das diferenças culturais. Complementando a ideia, Sandgren (1999) constatou que a experiência de intercâmbio no exterior amplia a consciência cultural, assim como a autoconsciência. Dessa forma, a partir do desenvolvimento das habilidades culturais, alguns outros benefícios são manifestados. Nessa mesma linha de pensamento, Ekti (2012) afirma que, por meio de uma experiência internacional, o intercambista desenvolve maior tolerância, empatia e respeito para com os demais.

2.4.3 Facilidade de adaptação

A flexibilidade para adaptar-se a novos ambientes é mencionada por Brislin e Yoshida (1994 apud WILLIAMS, 2005), como um grande benefício dessa experiência. Os autores afirmam que essa é uma peculiaridade relacionada a pessoas que toleram outras formas de ações e pensamentos. Martin (1987) conecta a flexibilidade com a tolerância e a capacidade de lidar com opiniões contrárias. Seguindo por essa mesma linha de raciocínio, Furnham e Bochner (1986), afirmam que, embora pareça estranho e, eventualmente, complicado, o intercâmbio torna o estudante um indivíduo mais flexível, adaptável e perspicaz.

Com base em Chang et al. (2012), a capacidade de se adaptar aos costumes e hábitos de culturas distintas, é diretamente ligada à ideia de adaptação. Segundo os autores, o conceito de adaptabilidade nada mais é do que a capacidade de ser flexível para se relacionar com pessoas de outras culturas e permanecer tranquilo ao encarar situações adversas. Adicionando, Panosso Netto e Gaeta (2010) esclarecem que o estudante deve ter em mente que é preciso examinar o mundo com olhos indagadores e analíticos, sempre buscando adquirir conhecimento e aproveitar ao máximo a experiência.

Dessa forma, as situações adversas experimentadas durante o intercâmbio (descoberta de novos lugares, relacionamento com pessoas desconhecidas, clima diferente, culinária distinta e a distância da nossa família e amigos) servem como aprendizado e auxiliam no amadurecimento do ser humano. Assim, Jensen (1999) afirma que, ao conviver com essas novidades, o intercambista fica na obrigação de se ajustar a esse ambiente estranho, sendo forçado a desenvolver características

de flexibilidade e de adaptabilidade. Sebben (2007), por sua vez, conclui que essas características são indispensáveis atualmente, pois a globalização faz com que a sociedade fique sujeita à constantes transformações, sendo imprescindível a habilidade de se adequar a essas variações.

2.4.4 Aperfeiçoamento do currículo

Conforme Tamião e Cavenaghi (2013), o intercâmbio permite que o estudante incremente o seu currículo. Os autores afirmam isso, pois essa experiência agrega itens requisitados pelo mercado de trabalho, como, por exemplo, a fluência em um novo idioma e o convívio com outras culturas. Além disso, o fato de o estudante ter morado sozinho em outro país também é visto como um diferencial, pois todo o aprendizado poderá ser utilizado quando retornar ao seu país de origem. Nackerud e Kilpatrick (1999), corroborando com essas ideias, afirmam que os alunos que estudam em um outro país possuem vantagem competitiva no mercado de trabalho ao retornarem ao seu país de origem.

Arruda (2004) complementa que as constantes e cada vez mais intensas relações entre os países ao redor do mundo fazem com que sejam essenciais profissionais preparados para enfrentar o diferente. Nessa mesma linha de pensamento, Quevedo (2007, p.23) justifica que “à medida que a economia mundial se integra e que a sociedade global se torna cada vez mais homogênea, as necessidades dos indivíduos de preservar um sentido de identidade em um mar de homogeneização se fortalece”.

Com base em Inkson e Arthur (2001), passar por uma experiência internacional pode ser uma forma muito positiva de reforçar ainda mais a carreira profissional do estudante. Pietro (2012) reitera que as pessoas obtêm conhecimentos significativos a respeito do mercado de trabalho internacional, além de firmar contatos com potenciais parceiros comerciais no exterior. O autor afirma ainda que, contando com o apoio de amigos que conheceram na época do seu intercâmbio, os intercambistas podem ter maior facilidade para encontrar oportunidades profissionais em outros países. Ainda sobre a criação de redes e desenvolvimento de contatos, Karin (2011) verificou que um intercâmbio proporciona oportunidades para que, além de conhecer novas pessoas, o indivíduo crie relações pessoais e profissionais que permanecem após o período da viagem.

3 MÉTODO

De acordo com Malhotra (2012), a organização de uma pesquisa é realizada através das seguintes etapas: determinação das informações essenciais; elaboração da fase de pesquisa (podendo ser exploratória, descritiva e/ou causal); especificação da apresentação dos métodos que serão utilizados para medição e escalonamento; elaboração de um questionário apropriado para a coleta de dados; discriminação do processo de amostragem e dimensão da amostra para a coleta de dados; e, por fim, a tabulação dos dados, fazendo um plano para análise das informações coletadas.

O presente estudo, tem o seu método baseado em uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Segundo Banks (2009), a pesquisa qualitativa se refere ao mundo atual, entendendo, descrevendo e explicando os fenômenos sociais. O autor comenta que a pesquisa qualitativa busca acessar experiências, interações e documentos em seu contexto natural, de uma maneira que dê espaço às suas particularidades e aos materiais abordados.

Mattar (2001) afirma que a pesquisa exploratória, pelo método de levantamento de experiências, contribui na busca de informações que não estão escritas, mas sim, na experiência e conhecimento do indivíduo. Com o objetivo de encontrar experiências variadas, foi utilizado o método de entrevistas individuais.

3.1 PROCEDIMENTO DE COLETA

Conforme Bauer e Gaskell (2011), ao contrário da pesquisa em grupo (que é voltada a pesquisas comerciais), a entrevista individual é destinada a pesquisas acadêmicas. Os autores ainda apontam que, para colher resultados satisfatórios e de certa forma mais verídicos, deve haver uma relação de confiança entre entrevistado e entrevistador.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, no primeiro semestre de 2021, e foram gravadas. Malhotra et al. (2005) conceituam que as entrevistas em profundidade ocorrem a partir da seleção de um público alvo e levam em conta conversas levemente estruturadas. Os autores ainda acreditam que uma das principais vantagens das entrevistas em profundidade é a obtenção de percepções mais complexas sobre o assunto proposto.

3.2 SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Para essa pesquisa, foram selecionados estudantes brasileiros, que realizaram um intercâmbio na Austrália, de no mínimo 6 meses, nos últimos 5 anos e já retornaram ao Brasil. A escolha dos entrevistados foi definida por conveniência, de acordo com a disponibilidade dos mesmos em participar das entrevistas. Malhotra (2012), diz que na amostra por conveniência os indivíduos são selecionados pelo julgamento do pesquisador, e escolhidos elementos em que se acredita que represente a população de interesse.

A partir do momento em que houve a saturação de resultados, as entrevistas foram encerradas. Para Cherques (2009), a saturação é o instrumento que determina quando as observações deixam de ser necessárias, pois nenhum novo elemento permite ampliar o número de respostas e informações do objeto de estudo.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA

Segundo Goldenberg (1999), a utilização de entrevistas para obter respostas de problemas já definidos é vantajosa por diversos aspectos, como, por exemplo: permite que as contradições sejam melhor identificadas; é mais adequada para que informações sobre assuntos mais complicados sejam expostas; maior profundidade e uma maior flexibilidade para que a resposta pretendida seja alcançada.

Para a aplicação, foi desenvolvido um roteiro de perguntas para auxiliar o entrevistador a nortear a entrevista, caracterizando, dessa forma, a entrevista como semiestruturada. Neste formato, é determinado um número específico de questões que acabam sendo complementadas por outras mais aprofundadas. Assim, é possível que haja uma conversa mais viva entre o entrevistado e entrevistador, gerando assim, uma quantidade e qualidade satisfatórias de respostas obtidas (TRIVIÑOS, 2001).

No apêndice A, está exposto o roteiro de pesquisa, juntamente com as questões utilizadas nas entrevistas realizadas neste trabalho.

3.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Com base em Bauer e Gaskell (2011), a primeira etapa da análise é a transcrição do conteúdo. Ela deve ser feita pelo pesquisador, pelo fato de ele ser detentor de informações e detalhes significativos obtidos durante a entrevista. A análise dos dados, demanda tempo e esforço, pois o pesquisador deve se aprofundar nas respostas coletadas, com o intuito de interpretá-las da maneira mais assertiva possível. Além disso, o pesquisador precisa manter em mente os objetivos e as finalidades da pesquisa, buscando sempre estabelecer relações e padrões entre as respostas obtidas, verificando eventuais contradições.

Para a presente pesquisa, foi adotada a análise de conteúdo por meio de categorização, para que os relatos dos entrevistados pudessem ser analisados de uma melhor maneira. Segundo Bardin (2004), a categorização permite que os conteúdos sejam divididos em unidades, facilitando assim, a análise e a comparação entre diferentes respostas obtidas. A autora ainda complementa, dizendo que classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com os demais.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos por meio de entrevistas realizadas com 10 brasileiros, que realizaram o intercâmbio na Austrália por, no mínimo, 6 meses, nos últimos 5 anos. As entrevistas ocorreram durante os meses de março e abril de 2021 e tiveram uma duração média de 20 minutos.

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

No início de cada entrevista, os participantes foram questionados a respeito de algumas informações que ajudaram a construir o perfil dos mesmos. As identidades dos entrevistados não foram reveladas com a intenção de preservar seus anonimatos. Dessa forma, os entrevistados foram nomeados através de uma numeração sequencial, sendo o primeiro entrevistado identificado como Entrevistado 1, o segundo, Entrevistado 2, e assim sucessivamente. Os perfis dos participantes da pesquisa estão ilustrados pelo Quadro 1:

Quadro 1– Perfil dos entrevistados

Entrevistados	Gênero	Idade	Formação
Entrevistado 1	M	25	Engenharia de Computação
Entrevistado 2	M	23	Redes de Computadores
Entrevistado 3	M	25	Comércio Internacional
Entrevistado 4	M	26	Comércio Internacional
Entrevistado 5	M	24	Comércio Internacional
Entrevistado 6	M	27	Economia
Entrevistado 7	M	28	Comércio Internacional
Entrevistado 8	F	26	Arquitetura
Entrevistado 9	M	25	Comércio Internacional
Entrevistado 10	M	23	Economia

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por meio do Quadro 1, verifica-se que nove, dos dez entrevistados, são homens. A idade média dos participantes é de, aproximadamente, 25 anos. Metade dos entrevistados possuem formação em Comércio Internacional e a outra metade ficou dividida entre Economia, com 2 participantes, e o restante entre os cursos de Arquitetura, Redes de Computadores e Engenharia de Computação, com um representante em cada.

A fim de apresentar os dados relativos ao intercâmbio realizado pelos entrevistados, elaborou-se o Quadro 2. Neste quadro, tem-se o ano do intercâmbio; a idade que o entrevistado possuía quando realizou a experiência; a duração do programa; a cidade em que morou; se foi acompanhado ou não e qual era o nível de idioma do estudante ao embarcar. Além dessas questões, é importante salientar que todos os participantes das entrevistas afirmaram que realizaram o intercâmbio com auxílio de alguma agência de intercâmbio e que optaram pela modalidade de *Work and Study*.

Quadro 2 – Características do intercâmbio

Entrevistados	Ano	Idade	Duração	Cidade	Companhia	Nível de idioma
Entrevistado 1	2016	20	6 meses	Brisbane	2 amigos	Intermediário
Entrevistado 2	2016	18	6 meses	Sydney	1 amigo	Intermediário
Entrevistado 3	2016	20	14 meses	Brisbane	2 amigos	Básico
Entrevistado 4	2016	21	6 meses	Sydney	1 amigo	Intermediário
Entrevistado 5	2016	19	6 meses	Sydney	1 amigo	Intermediário
Entrevistado 6	2017	23	8 meses	Gold Coast	Sozinho	Intermediário
Entrevistado 7	2018	25	8 meses	Melbourne	Sozinho	Intermediário
Entrevistado 8	2017	22	6 meses	Melbourne	Sozinho	Básico
Entrevistado 9	2016	20	7 meses	Sydney	1 amigo	Intermediário
Entrevistado 10	2019	21	6 meses	Melbourne	Sozinho	Intermediário

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observando o Quadro 2, pode-se verificar que seis intercambistas viajaram em 2016, dois em 2017, um em 2018 e um em 2019. A idade média dos

entrevistados quando embarcaram era de, aproximadamente, 21 anos. A duração média dos intercâmbios realizados foi de aproximadamente sete meses. As cidades australianas mais procuradas pelos entrevistados foram, respectivamente: Sydney, com quatro representantes; Melbourne, com três representantes; Brisbane, com dois representantes e Gold Coast, com um representante. Dos dez entrevistados, quatro viajaram sozinhos, quatro acompanhados de um amigo e dois na companhia de dois amigos. O nível de idioma antes do embarque era considerado intermediário por oito entrevistados e básico por dois deles.

4.2 MOTIVAÇÕES PARA O INTERCÂMBIO

Os entrevistados foram questionados quanto aos fatores que os motivaram a realizar uma experiência de intercâmbio internacional. Foram citados motivos semelhantes pelos respondentes, porém, cada um citou de uma forma particular, com as suas devidas peculiaridades.

O aperfeiçoamento da língua inglesa foi uma motivação que todos os entrevistados apontaram como principal para a realização do intercâmbio. Alguns, com o intuito de aprimorar o nível do idioma, outros com o objetivo de colocar em prática o conhecimento já adquirido aqui no Brasil. O desenvolvimento da língua estrangeira também foi atrelado ao mérito de agregar diferencial no aspecto profissional dos respondentes, como pode-se observar nos trechos abaixo:

Eu já tinha alguns anos de inglês aqui no Brasil, mas digamos que meu *listening* não era muito bom. Tinha dificuldade para entender algumas coisas e eu tinha muita vergonha de falar. Eu realmente queria dar um passo à frente no inglês. [Entrevistado 1]

Eu queria poder praticar o inglês, porque eu já tinha feito 5 anos de curso, mas somente a parte teórica, nunca tinha realmente colocado em prática. Queria treinar a minha conversação. [Entrevistado 2]

O intercâmbio era uma coisa que desde que eu era pequeno tive vontade. Fui crescendo e essa vontade se juntou ao fato de que, hoje em dia, para ser um profissional diferenciado e mais qualificado no mercado, dominar o inglês é algo muito básico. [Entrevistado 3]

Fui para realmente aprender o inglês, porque o cara acha que sabe, mas quando chega lá, toma um tapa na cara e vê que ainda tem que aprender bastante. [Entrevistado 5]

A vontade em buscar um autoconhecimento, abrindo a mente para novas ideias, também foi citada como um fator motivacional, segundo os participantes.

Alguns falaram que precisavam dar uma renovada na própria mente, pois não sabiam muito bem como seguir a vida no Brasil e o intercâmbio surge como uma oportunidade que os estudantes encontraram para tentarem se conhecer melhor.

Eu estava em um momento que eu não sabia direito o que eu queria aqui, então era o momento ideal para mim, para abrir a cabeça, me conhecer melhor. [Entrevistado 1]

O principal motivo foi que eu precisava dar uma renovada na minha mente, tentar me entender e ver o que eu queria para a minha vida. [Entrevistado 2]

Eu estava muito perdido aqui no Brasil, não sabia muito bem para que lado seguir. Eu estava precisando viver por conta, conhecer coisas novas, mas acho que principalmente, me conhecer realmente. [Entrevistado 6]

A maturidade, ligada ao desenvolvimento pessoal, foi outro motivador que os entrevistados apontaram como fundamental. Sair de casa, ir para outro país e buscar a independência foram aspectos levados em consideração, como pode-se ver nos seguintes exemplos:

O principal motivo foi crescer como pessoa, aprender a dar mais valor ao dinheiro, ao trabalho e a lidar com as responsabilidades estando no outro lado mundo sem ninguém para me ajudar. [Entrevistado 4]

Fui com o objetivo de crescer como pessoa principalmente, porque quando tu viajas sozinho, tu começa a se questionar de coisas diferentes do que aqui, na zona de conforto do nosso país. [Entrevistado 7]

Principalmente porque na época eu tinha 18 anos e nunca tinha saído de casa, nunca tinha morado sozinho, então fui buscar um pouco mais de independência para ter um crescimento pessoal da forma mais efetiva possível. [Entrevistado 9]

O desejo de conhecer novos lugares e vivenciar outras culturas, também foram razões que os participantes indicaram como motivadoras para a realização do intercâmbio. Alguns deles, inclusive, citaram que já haviam passado por esse tipo de experiência anteriormente, mas que a busca por novas vivências ainda era uma grande vontade.

Eu sempre gostei de sair do país e buscar vivências. Já tinha morado nos EUA e no Canadá, mas eu queria continuar conhecendo lugares diferentes, ter um choque de realidade, entender novas culturas. Eu sempre fui muito curioso em relação a isso. [Entrevistado 7]

Eu sempre quis ter a experiência de viajar, conhecer lugares diferentes, pessoas diferentes, culturas diferentes e o intercâmbio foi era forma que me possibilitaria tudo isso. [Entrevistado 8]

4.3 MOTIVOS DA ESCOLHA DA AUSTRÁLIA COMO DESTINO

No decorrer da entrevista, outro importante questionamento levantado foi quanto aos fatores que levaram a Austrália ser a opção de país escolhido para a realização desse intercâmbio. Apesar de todos terem citado anteriormente que buscavam um lugar para poder desenvolver o idioma, outros aspectos muito relevantes foram abordados por cada um deles também.

Um dos principais motivos foi a questão do clima australiano. Por ser um país que apresenta, em sua grande parte, uma temperatura mais quente, com diversas opções de praias, acabou atraindo os intercambistas para conhecerem um pouco mais dessa natureza.

Eu tinha visto que lá era quente, os lugares eram muito lindos. Eu poderia ir para a praia todos os dias, todo final de semana conhecer uma outra praia diferente. [Entrevistado 2]

Além de ser um lugar aonde a gente se sente seguro, é um lugar bonito, limpo, com parques, natureza e poder aproveitar a vida com uma rotina de praia não tem preço. [Entrevistado 3]

Eu tinha visto várias fotos, vídeos e até filmes. Achei o lugar bonito demais, com muitas praias para poder curtir. [Entrevistado 5]

O fator decisivo para mim é que a Austrália é um país mais quente, que é o que eu gosto mais. Poder aproveitar as praias e o calor de lá. [Entrevistado 6]

A influência de amigos, familiares e de outras pessoas próximas foi outro tópico abordado como um dos motivadores. Conversar com quem já realizou um intercâmbio, trocar ideias com quem mora lá e ouvir os relatos contados por quem já conheceu a Austrália, foram aspectos que acabaram influenciando alguns dos participantes.

Além de tudo, meu primo está morando lá há mais de 15 anos, então isso foi um fator que considerei bastante, porque ele podia me ajudar em questão de trabalho e moradia, que eram as minhas principais preocupações. [Entrevistado 4]

Conversei com muitas pessoas que fizeram intercâmbio para Austrália e falavam que era demais, gostavam muito que a qualidade de vida era muito alta, e isso começou a fazer eu pensar que de repente eu era o errado em não ter interesse pela Austrália, por falta de conhecimento. [Entrevistado 7]

Como o meu irmão já tinha morado na Austrália, ele me pilhou bastante para ir para lá. Falou de todas as coisas boas e a minha família ficaria mais tranquila porque ele já tinha passado por isso também. [Entrevistado 10]

Um motivo também lembrado pelos respondentes durante as entrevistas foi a questão da segurança e da qualidade de vida que a Austrália oferece. Alguns citaram que, por ser um país de primeiro mundo, o que é proporcionado para quem mora lá chamou a atenção na hora da escolha do país.

O fato de sair na rua e não ficar preocupado, sem ficar olhando para os lados, poder sair tranquilo, mexendo no celular, de fones com toda a tranquilidade que aqui a gente não tem. [Entrevistado 1]

Tudo que a Austrália te concede por ser um país de primeiro mundo. Independente da profissão que tu tenhas lá, tu tens uma qualidade de vida muito boa. [Entrevistado 3]

Quando pesquisei melhor e vi como funcionava a questão de transporte público, segurança e a educação de lá, não tive dúvidas que a Austrália era o melhor país. [Entrevistado 9]

Outro fator que pesou bastante na escolha do destino foi o aspecto financeiro. Por ser um país que permite ao estudante conciliar o estudo da língua inglesa com o trabalho, a Austrália chamou a atenção dos entrevistados.

O principal fator que me levou para lá foi a oportunidade de poder trabalhar e estudar. Vi também que lá tinha muita oportunidade de trabalho para conseguir me manter. [Entrevistado 2]

Por ser um lugar aonde eu conseguiria conciliar o trabalho com o estudo, poderia me sustentar lá, sem depender de nenhuma pessoa daqui. [Entrevistado 4]

Como na Austrália eu tinha a oportunidade de ganhar dinheiro enquanto estudava, acabei escolhendo ir para lá [Entrevistado 5]

Ainda no que se refere aos aspectos ordem financeira, outro motivador foi citado como fundamental para a escolha do destino. Durante as pesquisas de países para se realizar o intercâmbio, alguns intercambistas citaram que o valor de investimento inicial para ir para a Austrália era acessível, como mostram os trechos a seguir:

Quando comparei com os outros países, vi que a Austrália é um país acessível para fazer intercambio. [Entrevistado 2]

Fiquei muito feliz quando vi que o orçamento do intercâmbio para lá encaixou com o meu planejamento [Entrevistado 3]

O fato de ser um destino com bastantes brasileiros também foi trazido à tona. Os participantes comentaram que ter pessoas da mesma nacionalidade durante a realização do intercâmbio ajuda em alguns aspectos, como os citados:

Pesquisei e vi que lá tinha bastante brasileiro, então ficaria mais fácil de me enturmar e fazer amizades. A recepção do brasileiro é muito calorosa e importante para quem está chegando em um novo país. [Entrevistado 2]

Eu vi que era um destino muito procurado pelos brasileiros. É bom saber que tem gente do mesmo país que tu lá para poder te ajudar caso tu precisas de algo. [Entrevistado 5]

O Entrevistado 8, por sua vez, trouxe um motivo inusitado. Diferente dos demais, o que mais chamou a atenção na hora da escolha do país, foi a questão da arquitetura, como pode-se observar no seguinte trecho:

Eu acho que o que mais me influenciou na hora de escolher foi a arquitetura em si. No início da faculdade eu fiz um trabalho focado na Austrália, sobre as formas de transporte e urbanismo que me despertou muita curiosidade em ir conhecer de perto. [Entrevistado 8]

4.4 DIFICULDADES ENFRENTADAS

Um dos objetivos da realização das entrevistas foi identificar as principais dificuldades enfrentadas durante o processo do intercâmbio. Os entrevistados foram questionados quanto a essas questões e responderam quanto às experiências que foram vivenciadas.

Uma das principais dificuldades encontradas pelos participantes, foi estar longe da família e dos amigos. Os entrevistados relataram que a saudade de casa, da convivência com as pessoas próximas e do acolhimento que tinham aqui no Brasil, foram problemas vivenciados enquanto estavam na Austrália. Além dessas questões, o fuso horário atrapalhava bastante na comunicação dos intercambistas, como pode-se ver nos exemplos a seguir:

Eu senti muita falta da família e dos amigos. Como lá eram 12 horas de diferença, quando eu estava no meio da aula lá, eles estavam dormindo aqui. E quando nós estávamos dormindo lá eles estavam no trabalho aqui, o que dificultava muito a nossa comunicação. [Entrevistado 1]

O que eu mais sentia falta era de sair com os amigos e das festas aqui do Brasil. Lá eu saía pouco, porque demorei um pouco para fazer amizades. Fiquei com bastante saudade da convivência com a minha família também. [Entrevistado 2]

Eu tive uma dificuldade psicológica e sentimental, porque em um momento tu está com a família e amigos no lugar que tu cresceu e outro dia tu está do outro lado do mundo, tu por ti mesmo, se virando, sem suporte de pai, mãe e amigos. [Entrevistado 3]

Eu acho que para mim o mais difícil, por ser de família italiana, unida, o famoso “gringo”, foi a questão de sentir falta da família. De ver o pessoal e simplesmente ficar juntos. Eu sentia um pouco a falta dessa segurança, desse abraço da família. [Entrevistado 4]

A saudade daqui, como eu fui muito novo, mexeu muito comigo. Sinto que talvez eu não estivesse reparado mentalmente. [Entrevistado 5]

O que eu mais sentia falta era dos meus amigos próximos e da minha mãe. [Entrevistado 6]

Uma outra dificuldade percebida pelos estudantes durante o intercâmbio foi a barreira linguística. Por ainda não terem um domínio total do idioma estrangeiro, fatores como nervosismo e vergonha foram alguns dos aspectos comentados por eles.

O meu primeiro choque foi quando eu cheguei para fazer o teste de nivelamento da escola e eu vi que meu inglês estava pior do que eu imaginava. No início eu estava meio travado, ficava muito ligado em alguns detalhes e não conseguia entender o que as pessoas falavam direito. [Entrevistado 1]

Cheguei um pouco nervoso pelo fato de que meu inglês ainda não era muito bom. Eu sabia falar algumas coisas, mas era bem intermediário. [Entrevistado 2]

No início eu trabalhei com libaneses e era bem difícil. Não pelo trabalho em si, mas a comunicação com eles, porque eles não sabiam falar muito bem inglês. Era uma gritaria e eu tinha que tentar entender o que eles estavam me dizendo. [Entrevistado 5]

A primeira e a segunda semana lá foram difíceis, tu pensa antes de falar, tu dá uma travada, tu não lembra da palavra, tu fica com vergonha. Além disso, como meu primeiro emprego foi em um restaurante, essa adaptação do inglês na cozinha foi complicada, porque é muita gritaria, muita correria e no início foi difícil compreender o inglês de fato. [Entrevistado 6]

O choque e a adaptação com culturas diferentes foram outros obstáculos relatados pelos intercambistas. Nesse âmbito, foram comentadas questões relacionadas aos hábitos alimentares percebidos. Os alimentos, os horários das refeições e os temperos foram lembrados durante as entrevistas.

[...] Fui dormir e no dia seguinte lembro que acordei as 7 da manhã com um barulho do coreano comendo uma comida típica da Coreia e fazia muito barulho com a boca, foi meu primeiro choque cultural que me marcou. As gastronomias indianas e asiáticas são muito diferentes da nossa, principalmente os temperos. [Entrevistado 3]

Foi bem estranho ver os chineses comendo umas coisas gosmentas, com um monte de tempero, infetando o cheiro da sala, bem nojento por sinal. Isso me impactou muito. [Entrevistado 4]

Uma coisa que senti bastante foi a questão da alimentação, pois a comida é bem diferente daqui. Como eu também não sabia cozinhar praticamente nada, tive que aprender na marra. Eu tinha muitos colegas vietnamitas e a comida deles era bem forte, com cheiro bem ruim. Os tailandeses também, eu achava muito diferente. [Entrevistado 5]

Seguindo nas diferenças relacionadas à cultura, os participantes também lembraram do comportamento das pessoas de outras nacionalidades. Comentaram sobre as diferenças culturais refletidas na forma de interação e no modo de agir.

Notei muita diferença de culturas. Aqui dentro do Brasil quando a gente viaja já nota diferença cultural. Lá, tinha gente de todos os cantos, Colômbia, França, China, Japão, Coreia... A maior diferença que notei foi com os asiáticos, que pareciam de outro mundo, com o jeito de falar, muito tímidos e introvertidos. [Entrevistado 1]

As pessoas da América Latina são mais quentes, mais receptivas. Diferente dos asiáticos, que são mais frios, preferem ficar na defensiva, conhecer devagar. [Entrevistado 2]

Logo que eu cheguei tive uma experiência impactante, pois no quarto tinha um cara da Suécia e um da Coreia do Sul. Tentei dar uma interagida com eles, mas eles não falavam muito bem o inglês e eram bem tímidos. Em relação a interação, o brasileiro é muito mais receptivo comparado aos outros países, mais aberto a conversa, mais acolhedor. Diferentemente de algumas pessoas da Ásia, que são mais fechadas, assim como os europeus, que são mais frios. [Entrevistado 3]

A questão financeira foi outra bastante lembrada durante as entrevistas. Os participantes comentaram sobre aspectos desde antes do embarque, como falta de organização e planejamento, até problemas relacionados ao emprego e ao câmbio, como verifica-se nos seguintes trechos:

Eu lembro que no início foi difícil de achar alguma coisa para trabalhar. O tempo foi passando e eu não queria gastar meu tempo para trabalhar, queria conhecer as coisas lá porque eu sabia que ia voltar em 6 meses. Então, acabei gastando um dinheiro do Brasil que não estava previsto. [Entrevistado 1]

A minha maior dificuldade antes do embarque era na parte financeira, em tentar economizar, em saber quando era o melhor momento para a compra do dólar, procurar uma boa passagem aérea. Tudo isso para conseguir chegar lá com alguma reserva. [Entrevistado 3]

No início eu cheguei muito empolgado, gastei mais do que devia com coisas mais fúteis e não me organizei como deveria. Então no início tive uma dificuldade com essa parte financeira, se eu não tivesse um dinheiro extra guardado com certeza eu teria alguns problemas. [Entrevistado 7]

Durante a adaptação no novo país, também foram citados problemas relacionados à falta de conforto da infraestrutura do local de residência, assim como a ausência de suporte para realização das atividades de vida diária. Por serem expostos a mais responsabilidades e deveres do que tinham aqui no Brasil, os entrevistados explanaram essas diferenças da seguinte forma:

Quando a gente chegou lá, ficamos em uma acomodação da escola, que era uma cozinha com um quarto bem pequeno e um banheiro. Então, esse período inicial foi bem complicado porque nós estávamos em três, acostumados a viver aqui no Brasil com o bom e o melhor e agora dividindo um quatinho bem apertado, tendo que tomar conta das tarefas de casa, organizar tudo e ainda estudar e trabalhar. [Entrevistado 1]

O mais difícil para mim foi conciliar a minha vida num geral com a limpeza e organização da casa. No Brasil a minha mãe lava roupa, faz comida, arruma a casa e eu tenho todo o conforto do mundo. Foi difícil me adaptar a isso. [Entrevistado 8]

Além das dificuldades já mencionadas, os participantes relataram que tiveram problemas associados à localização. Por estarem em cidades diferentes das que viviam, citaram que o tamanho da cidade e a dificuldade de encontrar estabelecimentos de referência foram problemas a serem superados durante a adaptação na Austrália:

Passei dificuldade quando tive que aprender a conhecer a cidade, ir no mercado, nunca sabia em qual ir, aonde era melhor de comprar as coisas, como ir até lá, de aprender a se locomover na cidade, tipo cartão de ônibus funciona assim, , pegar o número de telefone funciona assim, o cara vai trabalhar precisa de uma conta no banco e não sabe aonde é e nem como chegar, o cara quer comprar um negócio lá o cara não sabe como que chama, tem que se virar porque é tudo muito novo e diferente da nossa cidade aqui [Entrevistado 9]

Como eu estava acostumado a fazer tudo a pé aqui em Caxias, foi bem difícil me adaptar numa cidade muito maior que a minha. Me perdi várias vezes, até hoje não aprendi a usar o transporte público de lá e isso me gerou vários problemas durante o intercâmbio. [Entrevistado 10]

4.5 BENEFÍCIOS PERCEBIDOS

Outro objetivo das entrevistas foi identificar os benefícios percebidos pelos entrevistados durante o período do intercâmbio no exterior. Os mesmos foram questionados a respeito dos benefícios de caráter pessoal, profissional e comportamentais adquiridos através dessa experiência.

Dentre eles, um dos mais lembrados pelos respondentes foi o crescimento

peçoal desenvolvido na Austrália. Englobando o amadurecimento, a criação de responsabilidade e independência, os participantes compartilharam:

Consegui amadurecer mais rápido, tive muitas responsabilidades e desafios que me fizeram crescer e ser mais confiante. Agora sou independente e moro sozinho. Com certeza, são frutos da vivência e das responsabilidades que me foram impostas na Austrália. [Entrevistado 2]

Tive um desenvolvimento pessoal absurdo. Desde aprender a lavar roupa, fazer comida, me auto conhecer, aprender a lidar com os meus sentimentos e com as coisas do dia a dia sozinho. [Entrevistado 3]

Sem dúvidas eu cresci muito como pessoa, como homem mesmo. Aprendi a dar valor ao dinheiro, a saber guardar o dinheiro, me organizar financeiramente. Lá era uma tarefa semanal de pagar aluguel, comida, contas e coisas que aqui no Brasil eu não precisava me preocupar. [Entrevistado 4]

Cresci muito como pessoa e virei um homem bem responsável. Aprendi muita coisa que eu não tinha nem ideia de como fazer, como cozinhar, lavar minha roupa, pegar trem, ônibus, me virar sozinho, de me perder, de pedir informação, de estar sozinho e depender só de mim mesmo, tudo isso me fez crescer muito. [Entrevistado 5]

Voltei bem mais maduro e independente. Eu nunca tinha morado sozinho, então foi uma baita experiência para eu me virar, pagar as minhas próprias contas e aprender a valorizar tudo isso. [Entrevistado 6]

O aperfeiçoamento da língua inglesa também foi um dos principais benefícios citados pelos entrevistados. Poder colocar o idioma estrangeiro em prática, utilizando-o diariamente na rotina do intercâmbio, fez com que a fluência fosse alavancada, conforme os excertos a seguir:

Sem contar que eu voltei sem medo de falar inglês errado, vê que é como o português, a gente não fala tudo certo, a gente se comunica. Então, voltei com outra cabeça, sem medo de falar errado. [Entrevistado 1]

Voltar para o Brasil com o nível de inglês avançado foi fundamental na hora de me inserir novamente no mercado de trabalho. [Entrevistado 2]

Com certeza o aprendizado da língua inglesa. Eu fiquei praticamente fluente durante esse tempo lá. Hoje em dia eu sei que eu consigo usar bem o idioma para minhas próximas viagens. [Entrevistado 5]

A fluência em inglês com certeza foi o principal benefício desse intercâmbio. [Entrevistado 6]

O fato de vivenciar um período em um país distinto, convivendo com pessoas de outras culturas e aperfeiçoando o inglês, trouxe outro benefício aos intercambistas: um incremento no currículo profissional e acadêmico, conforme mencionados pelos entrevistados:

Logo que eu voltei para o Brasil eu tive uma oportunidade de trabalhar para uma empresa de fora, usando somente o inglês. Esse pré-requisito, que era falar inglês fluentemente, foi o que o intercâmbio me proporcionou e foi fundamental. [Entrevistado 1]

Apesar de eu ter voltado para mesma empresa, agora estou em um cargo superior, com uma nova visão de mundo e bem mais maduro profissionalmente. [Entrevistado 2]

Eu recentemente mudei de trabalho, consegui um emprego melhor, algo que queria muito e desde o início o fato de eu ter tido o intercâmbio e ter inglês já foi algo que deu uma percepção diferente para quem estava me contratando. [Entrevistado 3]

O intercâmbio conta bastante para graduação e também para o currículo. Para muitas empresas, o inglês é um pré-requisito muito importante. Percebi que no mundo em que vivemos hoje, quem não aprende inglês acaba ficando para trás. [Entrevistado 5]

O desenvolvimento de uma maior tolerância com as diferenças culturais foi outro benefício apontado pelos respondentes. A aceitação cultural, após passar pela experiência de conviver com pessoas de diversas partes do mundo, fez com que os entrevistados voltassem com um outro modo de pensar:

O intercâmbio acaba te desenvolvendo muito por tu voltar com a cabeça mais aberta e entender o lado e a necessidade da outra pessoa. Tu aprende que o certo não é só aquilo que tu pensa e que tu vive, que cada um tem seu mundo, seu modo de viver, sua cultura, seus hábitos e apesar de uns serem mais difíceis de lidar é o jeito de cada um e é isso que importa. [Entrevistado 3]

Sinto que conhecendo as outras pessoas, de países e culturas bem diferentes eu me tornei bem mais humano. Vi muitas realidades bem diferentes da minha lá e com certeza isso acrescentou muito para mim. [Entrevistado 5]

Acho que principalmente a experiência de vida, a oportunidade de tu poder conversar com as pessoas de outros países, conhecendo novas culturas e jeitos de pensar. [Entrevistado 6]

Aprendi que existem coisas que realmente são culturais, mesmo que a gente não esteja acostumado e talvez não goste. Por exemplo a questão da higiene, que talvez para nós pareça falta de educação, para eles é normal e eu acho que isso é uma questão de respeito, sobre tu entender, se colocar no lugar do outro, entender que eles pensam de uma forma diferente que a gente e está tudo bem com isso. [Entrevistado 10]

Outro benefício lembrado pelos participantes foram as novas amizades construídas no intercâmbio. Segundo os entrevistados, os amigos feitos durante o período na Austrália foram fundamentais para que a experiência fosse ainda mais proveitosa. Além disso, em vários casos, foram criados vínculos que perduram até hoje.

Acho que por tu estar longe de todo mundo que tu conhece, as amizades que a gente faz lá fora são muito intensas e verdadeiras, porque todo mundo está na mesma situação e ainda assim todo mundo se ajuda. A gente segue mantendo contato e planejando se encontrar. [Entrevistado 7]

A coisa mais legal foi poder conhecer as pessoas dos outros países. Além de ajudar a praticar o inglês, hoje tenho amigos espalhados pelo mundo e já tenho plano de visitar eles assim que der. [Entrevistado 8]

Fiz amigos lá que tenho certeza que vou levar para vida toda. Eles me ajudaram desde o meu primeiro dia, fizemos viagens juntos e alguns já vieram pra cá depois do intercâmbio, isso não tem preço. [Entrevistado 9]

Após a apresentação dos resultados obtidos através das entrevistas, o capítulo seguinte apresenta o alinhamento entre estes resultados e o referencial teórico utilizado no trabalho.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente capítulo tem como objetivo analisar os resultados já apresentados anteriormente, obtidos através das entrevistas realizadas. A análise surge com o propósito de gerar comparações entre a parte prática e o referencial teórico. Para tanto, foi elaborado um quadro-resumo para expor os elementos que serão analisados:

Quadro 3 – Resumo dos resultados

ELEMENTOS DE ANÁLISE	RESULTADOS
Motivações para o intercâmbio	<ul style="list-style-type: none"> -Aperfeiçoamento do idioma; -Busca por autoconhecimento; -Desenvolvimento pessoal; -Conhecer novos lugares e culturas
Motivos da escolha da Austrália como destino	<ul style="list-style-type: none"> - Clima quente e praias; -Influência de outras pessoas; - Segurança e qualidade de vida; - Poder conciliar o estudo com o trabalho; - Valor de investimento; - Brasileiros no destino;
Dificuldades enfrentadas	<ul style="list-style-type: none"> - Distância da família e amigos; - Barreiras linguísticas; - Hábitos alimentares; - Relacionamento intercultural; - Questões financeiras; - Falta de conforto; - Problemas com localização;
Benefícios percebidos	<ul style="list-style-type: none"> - Crescimento pessoal; - Aperfeiçoamento do idioma; - Incremento do currículo; - Aceitação cultural; - Novas amizades.

Fonte: Elaborado pelo autor.

De fato, a frase “todo mundo quer fazer intercâmbio” não é somente força de expressão. De acordo com a Pesquisa de Mercado Selo BELTA (2020), 98% dos

entrevistados têm interesse de viajar para fora do Brasil com o intuito de estudar. Isso vai ao encontro do que foi visto durante a realização das entrevistas, nas quais todos os participantes citaram o aperfeiçoamento do idioma estrangeiro como um fator determinante para realizar a experiência internacional. De acordo com eles, morar em um país estrangeiro, tendo a oportunidade de trabalhar e estudar foi a melhor forma de adquirir a fluência do inglês. Bokareva (2013) complementa, dizendo que os estudantes buscam uma experiência internacional também pela oportunidade de praticar e aprender novos idiomas através da vivência com pessoas naturais de outros países.

Outro fator comentado como motivação, segundo as respostas dos entrevistados, foi o crescimento pessoal e a maturidade que são proporcionadas durante todo este processo. Segundo eles, o fato de viver por um determinado período longe da família foi uma maneira de obter mais independência e maiores responsabilidades. Bartram (2012), atesta esta afirmação, ao citar que uma das grandes motivações dos indivíduos na ida ao exterior é a possibilidade de desenvolver-se como pessoa e adquirir maior responsabilidade através das situações enfrentadas durante a rotina em outro país.

Para alguns entrevistados, a vontade de conhecer novos lugares e conviver com diferentes culturas também foram aspectos citados como motivacionais. De acordo com Hoof e Verbeeten (2005), é esperado que, mesmo que indiretamente, uma das motivações dos indivíduos no momento de realizar uma viagem ao exterior é simplesmente fazer algo de diferente, vivenciar coisas novas, além de fugir, mesmo que por alguns instantes, de suas rotinas em seus países de origem.

Ademais, os entrevistados mencionaram os motivos pela escolha da Austrália como país para realização de suas experiências de intercâmbio. Um dos principais fatores que os participantes do estudo levaram em conta foi o fato da Austrália ser um país aonde é possível estudar e colocar em prática a língua inglesa.

Segundo a BELTA (2020), mais de 2,5 milhões de alunos estrangeiros vão estudar na Austrália, colocando a nação como a terceira mais popular do mundo para estudantes internacionais.

Em relação à segurança e a qualidade de vida, a Austrália se sobressai no Ranking de Melhores Cidades do Mundo para se viver. A The Economist Intelligence Unit (EIU), uma empresa de pesquisa e consultoria vinculada ao periódico inglês The Economist, publicou em 2019 um estudo que lista as melhores cidades para se

viver no mundo. Entre as dez melhores, três são australianas: Melbourne (2ª posição), Sydney (3ª) e Adelaide (10ª). Na pesquisa, foram avaliadas questões relacionadas à estabilidade, saúde, educação, infraestrutura, cultura e meio ambiente.

Outro fator muito comentado pelos entrevistados quando questionados quanto a escolha da Austrália como destino para realização do intercâmbio, foi a questão de poder conciliar o estudo com o trabalho. Mas, mais do que isso, poder manter um padrão de vida com uma qualidade elevada. Um levantamento feito em 2019 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), divulgado pela CNN (2019), destacou que o maior salário mínimo do mundo é o da Austrália, que consiste em 620 dólares australianos por semana.

Porém, mesmo com todas as vantagens de estar vivendo em um país de primeiro mundo, os entrevistados foram questionados a respeito das dificuldades enfrentadas durante o processo do intercâmbio. Uma das mais citadas entre eles, foi sobre a questão da saudade da família e dos amigos. Segundo Hunley (2009), é comum que o sentimento de solidão apareça quando o estudante percebe que está distante dos amigos e família, vivendo em um novo ambiente e utilizando uma linguagem diferente. Alguns entrevistados comentaram que essa saudade foi um dos motivos do retorno ao Brasil, e na visão de Bartram (2012), essa distância das pessoas mais próximas durante o programa de intercâmbio pode ser um problema, pois se não superada, pode comprometer o restante da experiência.

Outro obstáculo que os intercambistas tiveram que enfrentar, foram as barreiras linguísticas. A dificuldade na comunicação, em um idioma diferente, principalmente durante a adaptação nos primeiros dias foi uma das mais citadas entre os participantes. Barna (1998), afirma que a primeira barreira a ser encontrada pelo estudante no exterior são as diferenças linguísticas. As diversas possibilidades de entendimento podem causar confusões durante a comunicação com outras pessoas.

Durante as entrevistas, a questão financeira também apareceu como uma dificuldade. Seja antes do embarque ou até mesmo durante a permanência no exterior, alguns entrevistados relataram situações nas quais foram surpreendidos. Karin (2011), diz que a falta de recursos financeiros é uma barreira para a ida ao exterior e ainda cita que, embora existam alguns incentivos oferecidos pelas instituições de ensino, os custos se ampliam se forem consideradas passagens

aéreas, seguro viagem, vacinas, aplicações de vistos e demais burocracias envolvidas. Para complementar, Doyle et al. (2009) afirmam que as dificuldades financeiras são as mais comuns em pesquisas quanto aos obstáculos para a realização do intercâmbio e também para permanência do estudante no exterior.

Alguns relatos mostraram a dificuldade de adaptação dos intercambistas em relação aos hábitos e as diferentes culturas encontradas na Austrália. Na maioria dos casos, os estudantes citaram problemas ao se depararem com maneiras de agir e comportamentos até então nunca vistos, gerando o chamado choque cultural. Na visão de Haines (2012), esse fenômeno é completamente natural. Para o autor, durante as primeiras semanas no novo país, é comum que as pessoas encontrem uma mistura do que já era esperado com o inesperado, ocasionando um sentimento de incerteza e até mesmo de insegurança nesse primeiro momento. Seelye (1993), diz que é inevitável que ocorra um choque cultural quando algum indivíduo é inserido em uma cultura diferente, pois conflitos são gerados ao confrontar os seus valores e crenças com os da nova cultura em questão.

Apesar de encontrarem diversas dificuldades durante o processo do intercâmbio, os entrevistados se mostraram satisfeitos com os benefícios adquiridos a partir da experiência. Dentre eles, um dos mais lembrados foi o crescimento e desenvolvimento pessoal. Segundo os participantes, o amadurecimento percebido após o intercâmbio foi um dos grandes diferenciais proporcionados. Os entrevistados citaram que, passar um tempo sozinho em outro país, fez com que eles se conhecessem melhor e valorizassem coisas que antes eram despercebidas. Para Gardner (1995), este autoconhecimento desenvolve no estudante uma maior maturidade, que, por sua vez, influencia o indivíduo tomar melhores decisões para poder alcançar seus objetivos pessoais e profissionais.

Questões referentes ao aperfeiçoamento da língua inglesa também foram abordadas. Para os entrevistados, ter a possibilidade de viver em um país onde é possível praticar o idioma estrangeiro durante a maior parte do tempo foi a melhor maneira de adquirir a fluência. Ekti (2012), afirma que um programa de intercâmbio internacional contribui, indiscutivelmente, para o aprimoramento de um idioma estrangeiro. Peterson (2004), contribui dizendo que o domínio da língua estrangeira pode beneficiar o indivíduo de diversas formas, tanto para uma comunicação esporádica, quanto como um diferencial no âmbito profissional.

Adentrando no aspecto profissional, o desenvolvimento do currículo também

foi apontando como outro benefício de participar dessa experiência internacional. Conforme Bokareva (2013), passar um período vivendo e estudando no exterior agrega valor profissional ao intercambista, além de abrir portas para a carreira e ser um diferencial competitivo para o mesmo. Para Malutta (2012), ao retornar ao Brasil, o indivíduo encontra um mercado de trabalho cada vez mais disputado, e ter um intercâmbio no currículo é um fator muito valorizado pelas empresas, pois é sabido que uma experiência no exterior é enriquecedora, agrega uma bagagem cultural enorme e garante uma experiência de vida indiscutível. O autor complementa, afirmando que os processos de seleção têm levado cada vez mais em conta a fluência em idiomas estrangeiros e as experiências internacionais.

Por fim, outro fator destacado pelos respondentes foi o desenvolvimento da aceitação cultural, obtida por meio da convivência com pessoas de outras culturas. Esse apontamento feito pelos entrevistados está de acordo com as ideias de Haines (2012), que comenta que a decisão de viajar para outro país inclui a vontade de conhecer novas culturas e novos modos de viver, com o objetivo de compará-las com as suas próprias virtudes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O último capítulo deste trabalho abordará as considerações finais da pesquisa realizada. A apresentação desse estudo foi organizada a partir do referencial teórico, desenvolvendo o tema em questão com base em publicações de autores conceituados e de pesquisas recentes, para que, então, fossem feitas as entrevistas com brasileiros que realizaram um intercâmbio de, pelo menos, seis meses, na Austrália. A contribuição do trabalho foi proporcionada pela ampliação do conhecimento sobre as questões relacionadas a todo o processo que envolve o intercâmbio para lá, desde as motivações para a realização dessa experiência internacional, os motivos que os levaram a escolher a Austrália como país de destino, as dificuldades enfrentadas e os benefícios que foram percebidos após retornarem ao Brasil.

Ao analisar as respostas dos entrevistados, ficou claro que a realização de um intercâmbio para a Austrália foi considerada uma experiência enriquecedora e importante para o crescimento pessoal e profissional dos indivíduos em questão. Porém, todos eles encontraram algumas dificuldades durante o processo, exigindo um certo esforço para superá-las e dar continuidade a experiência. Dentre elas, as mais comentadas foram as barreiras linguísticas, as diferenças culturais, os problemas financeiros e a saudade dos amigos e da família. Todos estes obstáculos podem servir como um espelho para quem planeja realizar um intercâmbio para a Austrália. Assim, realizando uma organização prévia, o intercambista pode se preparar para evitar ou, ao menos, minimizar esses problemas antes mesmo de embarcar.

Recomenda-se que, como forma de reduzir as dificuldades relacionadas ao idioma estrangeiro, que os interessados em realizar um intercâmbio preparem-se por meio do estudo básico da língua inglesa, ainda no Brasil. Além disso, é altamente aconselhado que estejam cientes de que irão encontrar pessoas com hábitos e costumes diferentes dos que estão acostumados. Uma boa forma de preparação para esses aspectos é conversar com pessoas que já conhecem a Austrália, além de obter informações por meio de ferramentas como a internet. Referente às questões financeiras, é necessário um planejamento cuidadoso, pois o intercambista deve incluir em suas projeções uma reserva para atividades não programadas e para determinadas surpresas não desejáveis que possam vir a

ocorrer. Nesse caso, o mais aconselhado é buscar auxílio de alguma agência, pois dependendo da cidade escolhida, da duração do programa e de outros serviços que envolvem o processo, o suporte oferecido é de grande valia.

Como essa experiência pode ser a primeira oportunidade de vivenciar um período distante dos familiares e dos amigos, a preparação de morar sozinho pode facilitar a adaptação ao novo estilo de vida que será encontrado. É relevante que, durante os meses próximos ao embarque os estudantes percam o vínculo da dependência nas atividades que farão parte da rotina deles no intercâmbio, como o de fazer compras, cozinhar e limpar a casa.

Assim como todo trabalho de pesquisa, este estudo também apresenta algumas limitações. Pelo fato de os entrevistados residirem na mesma cidade, um viés relacionado às questões culturais pode ter ocorrido. Outra limitação foi a forma em que a pesquisa foi conduzida, pois abre a possibilidade de que o entrevistado não tenha sido completamente sincero, mesmo que de forma inconsciente. Além disso, pelo fato de a seleção dos participantes da pesquisa ter sido feita por conveniência, somente uma pessoa do sexo feminino participou, podendo ser um fator importante devido as diferentes percepções de realidades. A faixa etária dos intercambistas também pode ser considerada uma limitação, visto que ninguém com idade superior a trinta anos participou. Outro aspecto a ser considerado, é que todos os entrevistados realizaram o intercâmbio na modalidade de *Work and Study* e tiveram auxílio de alguma agência, gerando um impacto relevante nas respostas.

Como sugestões para estudos futuros, caberia realizar uma pesquisa com intercambistas afetados pela pandemia do Corona Vírus, sejam estudantes impactados por não conseguirem embarcar para a Austrália, como também os que estavam lá durante esse período. Sugere-se, também, que seja feito um estudo que considere a questão de gênero, pois homens e mulheres possuem uma maneira diferente de lidar com as dificuldades e com os imprevistos. Caberia também analisar, em outra oportunidade, as diferenças entre as experiências de estudantes de outras cidades e estados brasileiros, verificando se o fator cultural e geográfico é determinante para que haja uma diferença significativa na experiência. Sugere-se, por fim, que, em futuras pesquisas, seja levada em consideração a faixa etária dos intercambistas, procurando identificar se existem diferenças nas percepções dos mesmos quando houver uma diferença expressiva de idades.

REFERÊNCIAS

- ADLER, F. **The transitional experience: an alternative view of culture shock.** Journal of Humanistic Psychology, n. 2, v. 15, p. 13-23, 1975. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/002216787501500403>>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- ANDRADE, M. S. **International students in English-speaking universities: Adjustment factors.** Journal Of Research In International Education. Hawaii, p. 131-154. ago. 2006. Disponível em: <<http://jri.sagepub.com/content/5/2/131.full.pdf+html>>. Acesso em: 09 set. 2020.
- ARRUDA, A. M. T. **Cultura e Internacionalização: Jovens Brasileiros que vão residir nos EUA.** Universitas - Relações Int., Brasília, v. 2, n.1, p. 201-217, jan./jun. 2004.
- BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARNA, L. (1998) **Stumbling Blocks in Intercultural Communication.** In M.J. Bennett (ed) Basic Concepts os Intercultural Communication: Select Readings. Yarmouth, ME: Intercultural Press. Disponível em: < https://www.dominican-center.org/uploads/1/8/8/7/18876320/intercultural_communication.pdf >
- BARTRAM, Brendan. **Brits abroad: the perceived support needs of U.K. learners studying in higher education overseas.** Journal of Studies in International Education, [S.l.], n. 3, v. 17, p. 5-18, 2012. Disponível em: <<http://jsi.sagepub.com/content/17/1/5.full.pdf+html>>. Acesso em 5 jun. 2021
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BELTA, **Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio.** Disponível em: <<http://www.belta.org.br/pesquisa-selo-belta-2020-os-principais-destinos-de-intercambio/>>. Acesso em: 09 out. 2020.
- BENNETT, M. J. **Basic concepts of intercultural communication: selected readings.** Boston, US: Intercultural, 1998.
- BOCHNER, A. **Qualitative Inquiry: Narrative's Virtues.** Sage Journals. Florida, p. 131-157. abr. 2001. Disponível em: <<http://qix.sagepub.com/content/7/2/131.abstract>>. Acesso em: 12 set. 2020.
- BOKAREVA, Mariia. **Social causes: Russian students motivation to study abroad.** Social and Behavioral Sciences, [S.l.], n. 4, v. 2, p. 124-128, 2013. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042814023167>>. Acesso em 10 maio. 2021.

BRASIL. Ministério Da Educação E Cultura. **Ciência sem fronteiras**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de estudos e intercâmbio**: orientações básicas. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais>. Acesso em: 12 set. 2020.

BROWN, L. **The transformative power of the international sojourn**: An Ethnographic Study of the International Student Experience. *Annals of Tourism Research*, [S.l.], v. 36, n. 3, p. 502-521, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738309000322>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

CANUTO, S. A. **Um olhar científico sobre a relação de intercambio do estudante brasileiro em Portugal**. Augusto Guzzo, *Revista Acadêmica*, v. 1, n. 14, p. 115-122, 2014.

CHANG, Wei-Wen; YUAN, Yu-Hsi; CHUANG Ya-Ting. **The relationship between international experience and cross-cultural adaptability**. *International Journal of Intercultural Relations*, [S.l.], v. 37, n. 2, p. 268-273, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0147176712000983#>>. Acesso em: 21 out. 2020.

CHERQUES, H. R. **Saturação em pesquisa qualitativa**: estimativa empírica de dimensionamento. 2. ed. Rio de Janeiro, 2009.

CLARKE III, I.; FLAHERTY, T. B.; WRIGHT, N. D.; McMILLEN, R. M. **Student Intercultural Proficiency From Study Abroad Programs**. *Journal of Marketing Education*, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 173-181, ago. 2009. Disponível em: <<http://jmd.sagepub.com/content/31/2/173>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

CARLSON, J. WIDAMAN, K. **The Effects Of Study Abroad During College On Attitudes Toward Other Cultures**. *Abroad During College On Attitudes Toward Other Cultures*. *International Journal Of Intercultural Relations*, Riverside, p. 1-17. 17 jan. 1988.

CARVALHO, J. L.; BACKES, D. S.; LOMBA, M. L. L. de F.; COLOME, J. S. **Intercâmbio acadêmico internacional**: uma oportunidade para a formação do futuro enfermeiro. *Rev. Enf. Ref.* [online]. 2016, vol. IV, n.10, pp.59-67. ISSN 0874-0283. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16018>. Acesso em: 09 set. 2020.

CASTRO, A. A., & CABRAL NETO, A. **O ensino superior**: A mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. *Revista Lusófona de Educação*, v. 21 n. 21. p. 69-96, 2012. Disponível em:

<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3082>. Acesso em: 20 out. 2020.

CNN Business. **Top 10 national minimum wages in the world**. Disponível em: <<https://money.cnn.com/interactive/economy/top-10-national-minimum-wages-in-the-world/index.html>>. “Acesso em 5 de maio. 2021.”

DOYLE, S.; GENDALL, P.; MEYER, L. H.; HOEK, J.; TAIT, C.; McKENZIE, L.; LOOPARG, A. **An Investigation of Factors Associated With Student Participation in Study Abroad**. Journal of Studies in International Education, [S.l.], v. 14, n. 5, p. 471-490, nov. 2009. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315309336032>> Acesso em: 25 mai. 2021

EARLEY, C. P.; ANG, S. **Cultural Intelligence: individual interactions Across Cultures**. Stanford: Stanford University Press, 2003.

EKTI, Meltem. **An evaluation regarding: the gains of erasmus program in terms of language and science**. Social and Behavioral Sciences, [S.l.], n. 2, v. 2, p. 180-189, 2012. Disponível em: < http://ac.els-cdn.com/S1877042813002577/1-s2.0-S1877042813002577-main.pdf?_tid=6f9f13b0-68c5-11e4-aa76-00000aacb362&acdnat=1415615971_6acaca82448fba9e1626b93553487d85>. Acesso em 01 out. 2020.

Facts about studying in Australia. www.studyinaustralia.gov.au. Disponível em: < <https://www.studyinaustralia.gov.au/english/why-australia/facts-about-studying-in-australia>>. Acesso em 05 de maio de 2021.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI: novo dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOSTER, M. **Student destination choices in international education: exploring Brazilian students' attitudes to study abroad**. 2013. Disponível em: <http://community.dur.ac.uk/pestlthe.learning/index.php/pestlthe/article/view/155/261> >. Acesso em: 02 out. 2020.

FURNHAM, A.; BOCHNER, S. **Culture shock and psychological reactions to unfamiliar environments**. 2. ed. 1986.

GAETA, C. **Turismo de experiência e novas demandas de formação profissional**. In: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. (Org.). Turismo de experiência. São Paulo: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, 2010.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995. 257 p. Disponível em: < <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-43968/multiplas-inteligencias-na-pratica-escolar>> Acesso em 29 mai. 2021

GASTAL, S.; KROEFF, B. L. **Os Novos Nomadismos e A Identidade “Jovem”**: A experiência dos intercâmbios culturais. Anais do VII Seminário de Pesquisa em

Turismo do Mercosul. Caxias do Sul, 2012 p. 1-17. Disponível em https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/intercambio_um_segmento_turistico.pdf. Acesso em 05 out. 2020.

GAVIOLI, Allan. **As melhores cidades para se viver no mundo, de acordo com a The Economist**. InfoMoney, 2019. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/as-melhores-cidades-para-se-viver-no-mundo-de-acordo-com-a-the-economist/>. Acesso em 29 mai. 2021

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GREEN, B. **Studying abroad**: a multiple case study of nursing student's international experiences. Nurse Education Today, [S.l.], n. 8, v. 28, p. 981-992, 2008. Disponível em: <[http://www.nurseeducationtoday.com/article/S0260-6917\(08\)00073-7/abstract](http://www.nurseeducationtoday.com/article/S0260-6917(08)00073-7/abstract)>. Acesso em 05 out. 2020.

HAINES, David. **More aware of everything: exploring the returnee experience in american higher education**. Journal of Studies in International Education, [S.l.], n. 2, v. 17, p. 19-38, 2012. Disponível em: <<http://jsi.sagepub.com/content/17/1/19.full.pdf+html>>. Acesso em 1 jun. 2021

HOOFF, Hubert; VERBEETEN, Marja. **Wine is for drinking, water is for washing**: student opinions about international exchange programs. Journal of Studies in International Education, [S.l.], n. 1, v. 9, p. 42-61, 2005. Disponível em: <<http://jsi.sagepub.com/content/9/1/42.full.pdf+html>>. "Acesso em 23 mai. 2021."

HUNLEY, Holly A. **Students' functioning while studying abroad**: The impact of psychological distress and loneliness. International Journal Of Intercultural Relations. Chicago, p. 386-392. 28 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0147176709000960>>. Acesso em: 05 out. 2020.

INKSON, K.; ARTHUR, M. **How to be a successful career capitalist**. Organizational Dynamics, n. 1, v. 30, p. 48-61, 2001. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0090261601000407?via%3Dihub>. Acesso em: 10 nov. 2020.

JENSEN, R. **The dream society**: how the coming shift from information to imagination will transform your business. New York: McGraw-Hill, 1999.

KAFLE, L. C. **A internacionalização do ensino superior e o caso da Universidade Anhembi Morumbi**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Anhembi Morumbi – UAM, São Paulo, 2007.

KARIN, E. **Lecturer's experiences of participating in an international exchange**. Nurse Education Today, [S.l.], n. 6, v. 31, p. 541-546, 2011. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0260691710002017>>. Acesso em 02 nov. 2020.

KIM, J. **Economic analysis of foreign education and students abroad**. Journal Of Development Economics. Buffalo, p. 337-365. 30 jun. 1997. Disponível em: <<http://ac.els-cdn.com>. Acesso em: 14 out. 2020.

KIM, R. I.; GOLDSTEIN, S.B. **Intercultural Attitudes Predict Favorable Study Abroad Expectations of U.S. College Students**. Journal of Studies in International Education, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 265-278, outono 2005. Disponível em: <<http://jsi.sagepub.com/content/9/3/265>>. Acesso: em 08 out. 2020

KIM, T. **Transnational academic mobility**: internationalization and interculturality in higher education. Intercultural Education, n. 5, v. 20, p. 395-405, 2009. Acesso em 15 out. 2020.

KOSKINEN, L.; TOSSAVAINEN, K. **Study abroad as a process of learning intercultural competence in nursing**. International Journal of Nursing Practice, [S.l.], n. 3, v. 10, p. 111-120, 2004. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1440-172X.2004.00470.x/pdf>>. Acesso em: 12 out. 2020.

LIEN, D.; LIU, G. **Financial assistance for study abroad students**: An economic analysis. International Review Of Economics And Finance. San Antonio, p. 515-522. 13 out. 2009. Disponível em: <http://ac.els-cdn.com/S1059056009001117/1-s2.0-S1059056009001117-main.pdf?_tid=6de2701a-ca7e-11e4-8b2f-00000aacb362&acdnat=1426360688_a3b63d3c267b2d6cf339f943377d49c5>. Acesso em: 12 out. 2020.

LUNN, J. **Global perspectives in higher education**: taking the agenda forward in the United Kingdom. Journal of Studies in International Education, [S.l.], n. 3, v. 12, p. 231–254, 2008.

MALHOTRA, N. K. et al. **Introdução à pesquisa de marketing**. São Paulo: Pearson, 2005.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MALUTTA, César. **Implantação do projeto educacional em Joinville, envolvendo intercambistas internacionais através da AIESEC**. Cidadania Em Ação 6, no. 1 (2012).

MARTIN, D.; DAIUTE, C. **English as a second language, a second chance, or second class membership**: Exploring the costs and opportunities of Latina immigrants' narratives. Culture And Psychologic. New York, p. 117-138. mar. 2013. Disponível em: <<http://cap.sagepub.com/content/19/1/117.short?rss=1&ssource=mfr>>. Acesso em: 01 out. 2020.

MARTIN, J. N. **The relationship between student sojourner perceptions of intercultural competencies and previous sojourn experience**. International Journal of Intercultural Relations, [S.l.], v. 11, n. 4, p. 337-355, 1987. Disponível

em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0147176787800020>>. Acesso em: 26 out. 2020.

MARTIN, J. N.; NAKAYAMA, T. K. **Intercultural communication in contexts**. 6.ed. New York: McGraw-Hill, c2013.

MATTAR, F.N. **Pesquisa de Marketing**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

NACKERUD, L.; KILPATRICK, A. **Integrating service learning into the study abroad program**. Journal of Studies in International Education, n. 1, v. 11, p. 73-89, 1999. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315305283306>. Acesso em: 26 out. 2020.

NEDELUCU, A.; ULRICH, C. **Are we ready for international students? Our university as window and mirror**. University of Bucharest. Procedia - Social and Behavioral Sciences ed.142 p. 90 – 96, 2014.

PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. **Introdução**. In: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. (Org.). Turismo de experiência. p.13-20. São Paulo: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, 2010.

PETERSON, B. **Cultural intelligence**: a guide to working with people from other cultures. Boston: Intercultural Press, 2004.

PIETRO, G. **Does studying abroad cause international labor mobility? Evidence from Italy**. Economics Letters, [S.l.], n. 3, v. 117, p. 632-635, 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165176512004429>>. Acesso em 23 out. 2020.

PINHEIRO, M. **O papel da informação no ciclo de expatriamento**. 1. ed. São Paulo, 2004.

PYVIS, D.; CHAPMAN, A. **Culture shock and the international student 'offshore'**. Journal Of Research In International Education. Sidney, p. 23-42. 02 mar. 2005. Disponível em: <<http://jri.sagepub.com/content/4/1/23>>. Acesso em: 02 out. 2020.

QUEVEDO, M. (Org.). **Turismo na era do conhecimento**. Florianópolis: Pandion, 2007

RAIKHAN, S. et al. **The interaction of globalization and culture in the modern world**. 2nd World Conference on Design, Arts and education DAE-2013. Procedia - Social And Behavioral Sciences. Kazakhstan, 2014, p. 8-12. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042814013111#>>. Acesso em: 20 out. 2020.

ROGERS, E.; STEINFATT, T. **Intercultural Communication**. 1. ed. Illinois, 1999.

RYAN, M.; TWIBELL, R. **Outcomes of a transcultural immersion experience.** Journal of Transcultural, [S.l.], n. 2, v. 4, p. 1-11, 2000. Disponível em: <<http://bmhlibrary.info/11776013.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2020.

SACHAU, D.; BRASHER, N.; FEE, S. **Three Models for Short -Term Study Abroad.** Journal of Management Education, [S.l.], v. 34, n. 5, p. 645-670, out. 2010. Disponível em: <<http://jme.sagepub.com/content/34/5/645>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

SANDGREN, D. **How international experience affects teaching:** understanding the impact of faculty study abroad. Journal of Studies in International Education, n. 3, v. 5, p. 33-56, 1999. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/102831539900300104>. Acesso em: 10 out. 2020.

SAWIR, E. et al. **Loneliness and International Students:** An Australian Study. Association For Studies In International Education. Sidney, p. 148-180. maio 2008. Disponível em: <<http://jsi.sagepub.com/content/12/2/148.full.pdf+html>>. Acesso em: 24 out. 2020.

SEBBEN, A. **Intercâmbio cultural:** para entender e se apaixonar. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

SEBBEN, A. **Intercâmbio cultural:** um guia de educação intercultural para ser cidadão do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

SEELYE, H. Ned. **Teaching culture: strategies for intercultural communication.** 3.ed. Lincolnwood, Ill.: National Textbook Company, c1993. 336 p. ISBN 0844293296. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=ED238292>> Acesso em 3 mai. 2021

SIMMEL, Georg. **The Sociology of Georg Simmel.** 2. ed. Illinois, 1950.

SORIA, K. M.; TROISI, J. **Implications for Students' Development of Global, International, and Intercultural Competencies.** Journal Of Studies In International Education. Mississippi, p. 261-280. 21 ago. 2013. Disponível em: <<http://jsi.sagepub.com/content/18/3/261>>. Acesso em: 25 set. 2020.

SOUSA, A. N. L. de. **Globalização:** origem e evolução. Caderno de Estudos Ciência e Empresa, Teresina, ano 8, n.1, p.02-16, jul. 2011.

STALLIVIERI, L. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional.** 2009. 234f. Tese (Doutorado em Línguas Modernas) - Universidad Del Salvador, Programa de Doutorado em Línguas Modernas, Buenos Aires, 2009.

STEPHAN, Walter. **Intergroup anxiety.** Journal of Social Issues, [S.l.], n. 3, v. 41, p. 157-175, 1985. Disponível em: <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1540-4560.1985.tb01134.x> Acesso em 11 nov. 2020.

TAMIÃO, Talita Segato. **Intercâmbio estudantil universitário e acolhimento**. 2010. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade), Universidade Anhembi Morumbi, UAM, São Paulo, 2010.

TAMIÃO, T. S.; CAVENAGHI, A. J. **O Intercâmbio Cultural Estudantil na Cidade de São Paulo**. Revista do Instituto de Ciências Humanas, São Paulo, v. 9, n. 8, p.40-49, jun. 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Bases teórico-metodológicas preliminares da pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Porto Alegre, Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

VICTER, P. P. **Marketing no Turismo**: Um estudo descritivo sobre a imagem do intercâmbio de cursos de idiomas. 2009. 138f. Tese (Pós-graduação stricto sensu em Administração) – Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Empresariais, Belo Horizonte, 2009.

WEAVER, James. **Culture, communication and conflict**. 1. ed. Boston, MA: Pearson Pub., 1994.

WILLIAMS, T. R. **Exploring the Impact of Study Abroad on Students' Intercultural Communication Skills**: Adaptability and Sensitivity. Journal of Studies in International Education, [S.l.], v. 9, n. 4, p. 356-371, inverno 2005. Disponível em: <<http://jsi.sagepub.com/content/9/4/356>>. Acesso em: 07 out. 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES SEMI-ESTRUTURADO

PERFIL DO ENTREVISTADO:

Nome:

Idade:

Formação acadêmica:

Ano e duração do intercâmbio:

Modalidade do intercâmbio:

Cidade:

Tu realizaste o intercâmbio sozinho ou alguém viajou contigo?

Qual era o teu nível de inglês quando chegou lá?

QUESTÕES:

1. Qual foram os motivos que te levaram a realizar o intercâmbio? Desses motivos que tu mencionaste, qual tu consideras o principal?
2. Por que optou pela Austrália como destino? E por que essa cidade?
3. A ideia do intercâmbio é uma coisa nova ou já faz tempo que tu tens essa vontade?
4. Quanto tempo levou da organização inicial até o embarque?
5. Tu fizeste o intercâmbio com o auxílio de alguma agência? Por quê?
6. Como foi a tua adaptação ao chegar na escola? E no trabalho?
7. Quais as diferenças culturais que tu percebeste?
8. Quais foram as dificuldades que tu enfrentaste durante o processo do intercâmbio? (Antes, durante e depois). Qual considera a principal?
9. Quais são as coisas que tu mais sentes falta da tua rotina no intercâmbio?
10. Quais foram os benefícios que tu percebeste após o intercâmbio? Dentre elas, qual tu consideras o principal?
11. Tu indicarias que estudantes brasileiros realizem o intercâmbio na Austrália? Por que?
12. De maneira geral, tu alcançaste os objetivos esperados com a experiência?
13. Tu gostarias de acrescentar mais alguma informação?